



Irmão Armin Luistro, Superior Geral de La Salle em Barcelos

A proximidade, o cuidado, a comunhão, o encorajamento e a identidade lassalista

Fila de baixo, segundo a contar da esquerda



- a docência, o apostolado e as responsabilidades de direção - p.18

Mais em foco:

- *A actualidade mundial conturbada - p.3*
O recente mapa da geografia política
As democracias em declínio - sobre o Irão: algumas notas - p.12
Uma reflexão angustiada
- *Visita Irmão superior Geral, a Barcelos e a Moçambique - p.15 e 17*
- *Entrevista com Pedro Arezes, reitor da Universidade do Minho: "Guardo dos anos passados no Colégio La Salle, uma memória positiva e marcante... um tempo de formação sólida". - p.22*
- *Os gritos de alma de voluntárias La Salle em Moçambique - Ana Rita e Beatriz - p.25*
- *O comboio de tempestades. Estudo e reflexão de Carlos Mineiro Aires - p.27*
- *A obra de António Lobo Antunes: "cortar o fio de Ariadne", por José Falcão Tavares - p.29*
- *O encontro fraterno dos AA das Oficinas de S. José do Porto - p.30*
- *Memorial do Colégio La Salle de Abrantes - p.31*
- *A atualidade mundial. Destaques. Efemérides - p.37*
- *Página dos leitores - p.39*
- *A Ceia Solidária de Natal 2025, e o apoio à formação a favor Mães dos Alunos de La Salle, em Moçambique - p.42*



Nota de Abertura

José Carlos Ferreira - Presidente da Direção

As ondas indo, as ondas vindo – as ondas indo e vindo sem parar um momento.
 As horas atrás das horas, por mais iguais sempre outras.
 E ter de subir a encosta para a poder descer.
 E ter de vencer o vento.
 E ter de lutar.
 Um obstáculo para cada novo passo depois de cada passo.
 As complicações, os atritos para as coisas mais Simples.
 E o fim sempre longe, mais longe, eternamente Longe.

Ah mas antes isso!

Ainda bem que o mar não cessa de ir e vir Constantemente.
 Ainda bem que tudo é infinitamente difícil.
 Ainda bem que temos de escalar montanhas e que elas vão sendo cada vez mais altas. Ainda bem que o vento nos oferece resistência e o fim é infinito.

Ainda bem.
 Antes isso,
 50 000 vezes isso à igualdade fútil da planície.

Mário Dionísio

Claro que não!
 Os nossos dias, a nossa vida, a nossa civilização, o nosso mundo não pode ser contido na **"igualdade fútil da planície"**.
 A humanidade só cresce quando se questiona, rasga novas fendas, descobre novos horizontes ou levanta e destrói barreiras que lhe delimitam o caminho, sejam eles culturais, sociais, científicas, religiosas ou outras.

Em cada momento, somos confrontados com novos desafios, incertezas, erros, dúvidas, avanços e recuos que não nos devem assustar pois são pedras angulares da nossa construção como pessoas humanas. Só esta amálgama de desconforto torna possível o acontecer e o crescer do Homem resiliente e eternamente novo.

Um lamento, como é possível assistirmos - nestes últimos tempos - a recuos, que a todos nos deveriam fazer corar de vergonha e, vergonha essa, que nem toda é alheia? Bem certo, **"Que um fraco Rei faz fraca a forte gente"**.

Posta esta introdução, quis o destino que o nosso Boletim de Inverno saísse na Primavera e com ele uma lufada de ar fresco poderemos sentir.

Traz-nos as noites gélidas de homens sem norte e o calor de Homens que todos os dias lutam por um mundo melhor e com mais luz. Desde o Ir. Armin Luistro que em Barcelos deixou sabedoria e futuro, até ao novel Reitor da Universidade do Minho que aí estudou e segue o lema **"Transformar o Presente e Inspirar o Futuro"**.

Da atualidade, temos abordagens globais e outras mais específicas, como seja o "comboio de tempestades", ou o grito de alma das voluntárias Beatriz e Ana Rita em Moçambique ou o testemunho de vida do Ir. José Figueiredo. Também do Império Persa nos chegam algumas notas com entrepostos em Ormuz, Goa e Malaca. De salientar ainda a Ceia Solidária "Ao Lado da Beira" que decorreu por altura do Natal. Nessa noite a Estrela de La Salle brilhou longe e aqueceu os corações das gentes da Beira. Foi gratificante!

Finalmente, um agradecimento especial a todos aqueles que colaboraram na produção deste **Vigésimo Boletim** nomeadamente, ao Albino Ramalho, ao António Costa, ao Carlos Mineiro Aires, ao David Macedo, ao Domingos Xavier ao José Falcão Tavares e à Susana Falcão. Ao Carlos Borrego, aquele abraço pela persistência e consistência de todos os momentos da vida desta Associação de Antigos Alunos de La Salle.

Aos Antigos Alunos, um bem haja!

Pagamento de Quotas

Agradecemos aos associados a liquidação da quota anual de 12 euros para:

NIB: PT50 0018 2122 0338 0447 0209 5

Para emissão de recibo envie e-mail: geral@aaalasalle.org.pt

Como apoiar a ONG lassalista SOPRO em terras de Moçambique por transferência bancária:
 IBAN: PT50 0036 0096 9910 0095 1894 5



A actualidade mundial conturbada O recente mapa da geografia política Uma reflexão angustiada

Dos caminhos percorridos desde a “Pax ONU- 80 anos” até à substituição do direito internacional pela força dos mais fortes.

Por Carlos Borrego

As ondas de choque: entre a guerra e a paz; entre o progresso e o retrocesso científico, social e cultural; entre a morte e a vida; entre a fome e o sustento; entre o esforço humano para os problemas da mãe-terra e o abandono das medidas em marcha; entre as democracias e as tiranias; entre as liberdades e as prisões e as multidões de refugiados e deslocados; entre avanços e recuos dos investimentos sociais; entre os choques das lideranças políticas e económicas mundiais e a multipluralidade das nações e povos.

Os precedentes: Nestes momentos de perturbação mundial, de novo se torna necessário a interrogação:

Quem somos, de onde viemos?

Nota: este texto não segue o acordo ortográfico

Sumário executivo:

I - Etapas da evolução dos contextos sociais, culturais e económicos

II - A “Nova Ordem Mundial” do Poder Político global

III - A substituição do direito internacional, da diplomacia e das organizações internacionais pela lei do mais forte.

IV - O declínio da democracia global e a desordem mundial

V - As guerras

VI - As esperanças: A Europa é esperança

Nos nossos Boletins 18 e 19 abordámos uma reflexão acerca da marcha da humanidade para a contemporaneidade e modernidade. E reflectíamos sobre as metamorfoses operadas após a II guerra Mundial, na caminhada para um devir histórico de avanços civilizacionais do planeta e da humanidade.

Neste Boletim n.º 20 explanamos nova reflexão sobre a evolução das sociedades e das nações, e procuramos retratar etapas de recuos e progressos para compreendermos melhor, ou talvez não, o desenlace fatal de conflitos e guerras dos dias de hoje.

E recordamos um certo paralelismo com as idades de que nos falava o velho sábio romano, Ovídio, nas suas Metamorfoses: às idades de alguma paz que se seguiram à segunda guerra mundial e que configuraram algum paralelismo com as suas idades de ouro, prata e bronze, chegamos agora à idade de ferro (a idade final), que ele associava à guerra e à violência.

I - Etapas da evolução dos contextos sociais, culturais e económicos

Paralelismo com os desafios do poder político global nas sucessivas “novas ordens mundiais”

As mudanças vertiginosas dos contextos sociológicos

1- Dizíamos que a **1.ª etapa temporal** após a Segunda Guerra Mundial apresentava cinco grandes marcas:

-- Feridas e traumas que permaneceram no inconsciente dos povos por muito tempo.

-- O desejo de paz, a gestão de conflitos e a angariação de meios de subsistência passaram a ser o fulcro premente e imediato da actividade humana.

-- A filosofia existencialista como sedimentação da angústia, da “náusea” e da perplexidade da condição humana.

-- A nova ordem mundial da Organização das Nações Unidas e a reorganização dos Estados.

-- A assunção da América como superpotência militar e económica.

No que se refere à Nova Ordem Mundial, o destaque evidente foi a constituição das Nações Unidas, em 24 de Outubro de 1945, como cúpula das nações, num esboço precoce do que hoje se designa por multipluralismo das nações. A lógica de um entendimento universal era clara: a soberania dos Estados, salvaguardada pela ONU, protegeria também as nações e as culturas regionais. Essa vocação perdura até aos dias de hoje, com alguns insucessos, mas também com longos períodos de paz.

Com ligeiras semelhanças com a “**Pax Romana**”, poderemos chamar a estes 80 anos a “**Pax ONU**”. De facto, a Carta das Nações Unidas e a proibição de guerras de conquista, aprovadas pelos representantes dos Estados-nação, inibiram o confronto e a conquista entre Estados, realidade que perdurou até à invasão da Ucrânia pela Federação Russa, em 2022. Houve, sim, diversos conflitos

regionais, mas não entre Estados com objectivos de conquista.

A actual desvalorização da ONU serve os interesses do poder desequilibrador dos mais fortes. E estes mais fortes, detentores do direito de veto, não permitem a nova reformulação da ONU, antes procuram denegri-la e rebaixá-la, escondendo um novo interesse de conquistas, como é o caso da administração americana e russa e outros.

Dizíamos também que as sequelas traumáticas do pós-guerra mundial tomaram assento também na filosofia da época: **O existencialismo** sedimentou em si toda a angústia e a náusea da dúvida, da depressão e da perplexidade da condição humana. E a marca da negação da divindade agravou e aprofundou a orfandade espiritual. Procurava-se uma nova transcendência, uma nova salvação para a condição humana, para a finitude. Era a época dos grandes filósofos e dos corifeus da escrita e do cinema a debruçarem-se sobre o sentido da existência.

A esta etapa poderemos associar a **Geração Silenciosa**, de que falaremos mais à frente.

2 - Numa 2.^a etapa temporal considerávamos a reorganização da economia e do tecido empresarial, a par do fortalecimento da bipolarização da política mundial, a Guerra Fria. Na sucessão dos dias e dos anos e passada a primeira década e meia do pós-guerra, a aspiração a uma nova prosperidade exigia a reconstrução das economias. Criaram-se novos modelos de desenvolvimento e novos blocos regionais de interesses. E o mundo laboral foi consolidando o papel fundamental do trabalho e dos seus direitos.

O capitalismo liberal ganhou raízes. Entrava-se na década de 60 e 70.

Conotamos com esta etapa a Geração **Baby Boomers**, devido au aumento substancial da natalidade.

3 - Numa 3.^a etapa: apontávamos os movimentos de insurreição da juventude e das esquerdas políticas que viriam a transformar as sociedades e o poder do Estado.

Em oposição ao predomínio de cariz capitalista e liberal, de progressos financeiros, dá-se o alerta dos movimentos de insurreição das juventudes.

Desencadearam manifestações massivas de repúdio por parte das várias esquerdas, em geral, e das juventudes académicas da França e de toda a

Europa e das Américas. E anarquistas convictos embandeiraram despezos, combates e desdém pela aparelhagem economicista e capitalista.

Estas esquerdas, no sentido lato do termo, protagonizaram o arranque de combate ao status quo, combate esse que se prolongaria pelas restantes décadas do século XX, e provocariam desmoronamentos ideológicos, políticos, e quedas de governos e derrotas militares (Vietname, Guerra do Ultramar).

Será a etapa da **Geração X**.

4 - Uma 4.^a etapa temporal, de equilíbrio social, assentou em políticas sociais de centro:

Saltando muitas outras revoluções, ou acontecimentos ou efemérides ponderemos situar-nos em tempos passados próximos de nós:

Apesar de muitas contradições as marchas e marcas referenciadas nas etapas anteriores, e depois de acertos políticos e sociais, houve uma razoável condução da humanidade. Percorreu caminhos diferenciados de democracia: em políticas ora socialistas, ora sociais-democratas, ora liberais e populares, ora democratas-cristãos, ora republicanas ora democratas.

Nessas diferenças houve um lugar comum de coincidência na aproximação a uma certa contemporaneidade e a um desenvolvimento humano, com algum equilíbrio social. Não esquecemos, naturalmente, os contraditórios desta afirmação quanto à distribuição de riqueza e de bem-estar.

Mas a falta de reformas políticas e sociológicas provocaram também outros aceleramentos no fluxo evolutivo normal das novas gerações e da etapa seguinte.

Poderá ser considerada a etapa da **Geração Y**.

5 - Consideremos uma 5.^a etapa, de negacionismo, por parte de extremas direitas políticas, por vezes nacionalistas, com sedimentação nas sociedades e nas nações, e de que o movimento **MAGA (make america great again)** é grito de guerra exemplar para eleições. E os americanos votaram MAGA e no seu líder, Donal Trump.

E este paradigma exemplar emergente nas sociedades e nações vêm alcançando poder social e até executivo, com poder maioritário ou parcial.

Poderá ser considerada a etapa de certos grupos da **geração Z**. Não de todos, naturalmente.

E este negacionismo/nacionalismo/populismo de alguns grupos sociais poderá conduzir a sociedades autocráticas. Vejamos alguns dados estatísticos em

que se dá fé de como as autocracias vêm superando as democracias: é oportuna a publicação do índice publicado pela fundação alemã BTI (Índice de transformação da Fundação Bertelsmann), do qual se fez eco o Jornal de Notícias do Porto, de 30 de Março passado. Aí se relata que em 2006 as autocracias superavam em número as democracias. **E actualmente 56% das nações avaliadas situa-se num regime autocrático, que raramente se traduz numa melhor administração, e onde a pobreza e desigualdade são graves. E a evolução do número de estados democráticos continuou a descer entre os anos de 2024 e 2026.**

A organização Action for Democracy, citando a Economist Intelligence Unit publica agora que os dados de 2024 revelam que apenas 45% da população mundial vive em democracia, com declínio de 12,5% em comparação com 2014.

Números finais: população mundial: 8 mil milhões; em democracia: 3,6 mil milhões; em autocracia: 4,4 mil milhões.

Afirma-se no texto referenciado que muitos governos eleitos esvaziaram instituições democráticas para garantir permanência no poder. Em mais dos 100 países avaliados a corrupção não é combatida adequadamente, e dois terços destes são autocracias. Nalguns países as eleições não cumprem os padrões democráticos e constituem apenas rituais de legitimação.

Na individualização de países referenciados no estudo destacamos o exemplo positivo do Brasil, onde os retrocessos democráticos foram travados.

O nosso Boletim Nº 15,

trazendo números publicados pela “Fundação Economist Intelligence”, já tinha abordado o declínio da democracia global e a afirmação de **“como os baixos índices de democracia acompanham os baixos índices de desenvolvimento. E vice-versa”**.

6- A Inteligência Artificial, a IA, como quarta revolução Industrial. A indústria 4.0.

Contemporânea com algumas etapas já descritas anteriormente consideraremos **uma 6.ª etapa**.

Vem-se desenvolvendo desde o início do século XXI, não abrangendo ainda amplos desenvolvimentos sociológicos, mas com efeitos já bem visíveis.

A Inteligência Artificial (IA) é um campo da ciência da computação que permite a máquinas simular funções cognitivas humanas, como aprendizagem, raciocínio e resolução de problemas, utilizando grandes volumes de dados. Essencial para automatizar tarefas e aumentar a eficiência, a IA já está presente no quotidiano e em setores como saúde, transportes e finanças.

Pela digitalização dos processos industriais uma máquina é capaz de reproduzir competências semelhantes às humanas como é o caso do raciocínio,

a aprendizagem, o planeamento e a criatividade. Vem-se consolidando como motor central da geopolítica do século XXI na competição por uma supremacia global. **Os países que lideram a IA garantem estratégias de poder económico e militar. É até um cenário de disputa entre os EUA e a China, com a Europa tentando impor regulação e relevância.**

O mundo produtivo caminha nessa direcção. Irremediavelmente. Ficar para trás é ficar para trás na produtividade e na riqueza a distribuir, quer em salários quer nos efeitos sociais e financeiros. E poderá constituir também uma diminuição das cargas horárias de trabalho, libertando o homem para a fruição do ócio e da cultura.

Em Portugal já há empresas a praticar 4 dias de trabalho, sem diminuição da produtividade e da massa salarial.

Mas espera-se que a inteligência humana controle a inteligência artificial, perante os temores da substituição sistemática do homem pelas máquinas, facto possivelmente gerador de eras de desemprego.

Lembremo-nos do discurso de Lídia Jorge aquando do recebimento do Prémio Fernando Pessoa. Afirmou: **“A IA não tem aflição, nem espanto, nem dor, nem raiva, nem alegria, nem pranto, apenas fornece linguagem como se tivesse esses sentimentos. E há um corte epistemológico entre o criador e a criatura... convém perceber se o nosso pensamento autónomo e singular não será aniquilado de todo, no meio da inundação de benefícios... A nossa esperança é de que a linguagem, que na mitologia cristã nos funda como início, não tenha fim enquanto formos donos dela.**

Convém ficar vigilante.

Será conotada com a geração Y, Z e Beta.

Gerações - Mas... de que gerações falamos?

Façamos uma breve referência às fases ou etapas a que os estudiosos da sociologia nos apresentam nas designadas **gerações**:

As gerações atuais são definidas por períodos de nascimento aproximados: Cada grupo compartilha experiências históricas e tecnológicas semelhantes que moldam o seu comportamento. As datas referenciadas e as características de cada geração que apresentamos a seguir estão sujeitas a ligeiras diferenciações, consoante os diversos analistas e escolas que os envolvem.

Cronologia das Gerações (Anos de nascimento e idade actual):

Geração Grandiosa (Silent Generation): 1901 – 1927-Hoje: com mais de 100 anos

Geração Silenciosa: 1928 – 1945. Hoje: entre 80 e 98 anos

Geração Baby Boomers: 1946 – 1964. Hoje: entre 62 e 71 anos

Geração X: 1965 – 1980: entre 46 e 61 anos

Geração Y (Millennials): 1981 – 1996: entre 45 e 60 anos

Geração Z (Centennials): 1997 – 2010/2012: entre 14 e 29 anos

Geração Alfa: 2010/2012 – 2024: entre 2 e 14 anos

Geração Beta: 2025 – 2039 (previsão).

Façamos um breve esboço da geração Z e da sua manófera:

São nativos digitais puros, conectados, pragmáticos e conscientes socialmente. Nascidos entre 1997 e 2012 e têm agora entre 14 e 29 anos

Heejung Chung, investigadora do King's College London, coordenou um estudo internacional realizado em 29 países que mostrou que os jovens da geração Z (nascidos entre 1997 e 2012) têm valores mais conservadores no que diz respeito à igualdade de género e ao papel da mulher do que a população mais velha, incluindo a geração dos seus avós. Afirmou ainda que o grupo masculino desta geração revela-se perdido, contrariado e até indignado com o empoderamento e elevação social do mundo feminino. Os rapazes e homens podem não entender a valorização das mulheres, e costumam percorrer caminhos da misoginia, e uma aproximação a ideologias polarizadas na extrema direita.

O habitat da Geração Z, assim como o da Geração Y, é o do desemprego e da precariedade. A Geração Z presencia o surgimento de indivíduos, grupos e movimentos políticos e sociais anti-establishment, resultado do aprofundamento da polarização ideológica na sociedade através da chamada ciberpolítica e que atrai uma parcela dessa geração, parcela essa de uma geração bloqueada.

A sua manófera, ou globesfera, é uma rede online de comunidades masculinas que dissemina misoginia, ódio e visões extremistas anti-feministas, frequentemente associada à extrema-direita. Estes grupos promovem um modelo de masculinidade dominante (alfa), culpam o feminismo pelos problemas dos homens e podem radicalizar jovens através de redes sociais.

A reeleição de Donald Trump para a Casa Branca parece ter proporcionado um reforço motivador para algumas parcelas da geração Z.

Após a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2024, a

Associated Press relatou que uma manófera "encorajada" usou a vitória de Trump "para justificar e amplificar o desprezo e as ameaças misóginas online. Até agora fomos seguindo as mudanças sociológicas e geracionais. Vejamos agora as mudanças do poder político global.

II - A “Nova Ordem Mundial” do poder político global das grandes potências

Das sucessivas “novas ordens do poder global” até à desordem mundial presente.

O conceito: O conceito de ordem mundial refere-se ao equilíbrio internacional de poder, envolvendo as grandes potências, com suas áreas de influência, e disputas comerciais, económicas, políticas, diplomáticas e culturais entre os Estados ou Países.

Etapas de evolução:

1.ª Etapa

Ordem mundial unipolar – Supremacia americana-Unipolar

Na vertente do conceito de ordem mundial ou da política global das duas décadas a seguir à II Guerra Mundial poder-se-á destacar um primeiro período de supremacia americana, tanto no poder bélico (como único país a possuir bombas atómicas) como no domínio económico e financeiro (bem patente no Plano Marshal, de reconstrução dos países aliados), enquanto a URSS procurava acelerar os Planos Quinquenais para armamento e desenvolvimento industrial e económico.

2.ª Etapa da Ordem Mundial. A Guerra-Fria. Bipolar

As etapas temporais e históricas não são estanques. E anos depois da guerra vinha-se gerando uma desconfiança entre os EUA e a URSS, iniciada no tempo do Presidente Truman, em 1947. Foi crescendo com a instalação militar e política na Alemanha e sucessivamente noutros países do leste europeu por parte da URSS (a cortinha de ferro, como lhe chamou Crurchil), e desencadeou-se abertamente com a criação da NATO (1949), e do Pacto de Varsóvia (1955) na Guerra da Coreia (1950-1953) e na crise dos mísseis de Cuba, em 1962.

O receio mútuo foi antídoto contra as vias de facto. Foi um período de tensão bipolar entre os EUA (capitalismo) e a URSS (socialismo), marcado por conflitos indiretos, corrida armamentista e espacial, que duraria cerca de 44 anos.

Teve o seu fim em 1991, marcado pelo desgaste da União Soviética, pelas reformas de Mikhail Gorbachev (Perestroika e Glasnost), pela queda do Muro de Berlim em 1989 e, finalmente, pela dissolução da União Soviética em Dezembro de 1991.

3.ª Etapa: A Nova Ordem Mundial pós 1989 e 1991-- Multipolar

Marcada pelo fim da União Soviética e da Guerra Fria, define um cenário geopolítico e económico multipolar. Caracteriza-se pela globalização intensa, ascensão de múltiplos centros de poder, aumento da governança global por organizações internacionais e a cooperação no enfrentamento de problemas transnacionais. Dá-se um aumento da relevância de organizações internacionais e regimes globais para gerir conflitos e desafios, como o terrorismo e as mudanças climáticas.

Esta nova ordem terá reconfigurado as relações internacionais, colocando o foco na interdependência económica e no diálogo multilateral entre Estados, como destacam observadores internacionais.

4.ª Etapa – A tripolaridade das hegemonias

[A ascensão à disputa de hegemonias económicas e político/militares por parte da Federação Russa e da China no Sul Global, num desafio ao poderio ocidental/atlântico dos EUA e Europa.](#)

Mas uma nova ordem se torna evidente na última década: o reaparecimento e reorganização da Federação Russa sob a égide de Putin, mais a entrada em cena da China, controlada agora por Xi Jinping, e do estreitamento das suas relações numa concertação anti-atlântica e anti-ocidental. Eles animam também a aparição de “**O Sul Global**”, numa tentativa de deslocação do poder político e económico para o novo eixo Moscovo- Pequim, e com extensão possível (em investimentos em estruturas e consolidações políticas) para países em vias de crescimento ou emergentes, os **BRICS**: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, principalmente, com agregação do Egito, do Irão, da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Indonésia e , no geral, nos países do sul: África, América, Ásia, onde o “Ocidente...” vai perdendo influência.

Recordemos os empreendimentos da Rússia: em Agosto de 2007, Putin cravou uma bandeira russa de titânio em águas internacionais nas profundezas do Ártico. Em 2008, invadiu a Geórgia. Em 2014 anexou a Crimeia. Foi garantindo apoio a Banisadr, da Síria.

E no dia 4 de fevereiro deste ano de 2022, estrategicamente na abertura da 24ª Olimpíada dos Jogos de Inverno, Xi Jinping e Vladimir Putin encontraram-se em Pequim e declararam a amizade entre os seus dois países.

Vinte dias depois a Rússia invade a Ucrânia. As comemorações, no ano passado, do dia da vitória (80 anos após a derrota do eixo Berlim, Roma e Tóquio) mais a manifestação simultânea do poder económico da China na cimeira de Xangai, são amostra evidente de novos eixos, como vínhamos delineando no nosso Boletim Nº 19.

Esta Nova Ordem Internacional Policêntrica, vem quebrar e enfrentar o protagonismo da Nato, dos EUA e da própria União Europeia.

5.ª Etapa. O momento presente – A nova época das Guerras- séc XXI

A era de Putin e de Trump e da paciência sábia de Xi Jinping

A nova ordem mundial será agora uma desordem mundial? - Nenhuma ordem está vigente.

As democracias em fora de moda?

A hegemonia americana a resvalar?

A ascensão económica da China e o enfraquecimento económico da Rússia?

- **Quanto à China de Xi Jinping:** o crescimento económico é baseado na produção intensiva. E a população chinesa, não é capaz de consumir essa produção. Então a base desenvolvimentista terá de ser o comércio de exportação. A via usada é a marítima para passar da Ásia meridional para outros continentes, via estreito de Malaca, tanto para receber energia do petróleo como para proceder à exportação de produtos. Mas quem domina os mares é o EUA. Daí a manobração de estratégias variáveis, mirando vários horizontes.

- **Quanto a Putin:** a invasão da Ucrânia em 2022 é uma violação clara de todos os princípios de direito e de acordos anteriores. E já vai em quatro anos. Putin foi condenado pelo Tribunal Penal Internacional.

- **Quanto a Donald Trump - O Nobel da Guerra. A fractura atlântica**

Brevíssima súmula de episódios e de narrativas de um ego apavorante:

Ele transformou o Departamento de Defesa em Departamento da Guerra. Inventou tarifas e retirou tarifas. Criou um Conselho mundial para a Paz, de que ele quer ser Presidente vitalício, para substituir-se

às Nações Unidas. Prometeu transformar a Gaza numa Riviére. Raptou um Chefe de Estado, na Venezuela, e mantém-no preso num rebaixamento indigno e sob tortura. Quis ou quer anexar o Canadá, a Gronelândia e Cuba. Revoga as normas do clima. Abandona a Organização Mundial de Saúde.

É conivente com a ocupação israelita por colonos judeus dos territórios da Palestina, inviabilizando, assim, a formação de dois Estados. E promoveu a transferência da capital israelita para Jerusalém, situada em território palestino.

Iniciou uma guerra com o Irão em 2025 (Guerra dos 12 Dias) e disse que tinha destruído o seu poder nuclear. Invoca agora que esta segunda invasão é para destruir o arsenal atómico iraniano.

Recordemos que na campanha eleitoral tinha prometido não se envolver em guerras. E agora não sabe como sair do Irão... (ver caixa mais adiante).

E graves acusações recaem sobre ele: assalto ao Congresso e relações com Epstein.

É conivente ou aliado de dois condenados pelo Tribunal Penal Internacional: Putin e Natanyahu, por crimes de guerra. Com a sua equipa reinventa as “guerras santas” medievais.

E a indiferença perante o sofrimento e a dignidade humana é colossal.

Em parceria com Natanyahu (condenado pelo Tribunal Internaciona) abre guerra contra o Irão, em 28 de Fevereiro de 2026.

E acima de tudo: exclui o direito internacional da convivência entre as nações, facultando argumentação e oportunidade aos rivais russos e chineses de se alargarem para Taiwan ou para a Ucrânia. E relega o preceito o constitucional do seu país de ouvir o Congresso para poder declarar a guerra.

Com Donald Trump a América vai perdendo créditos e respeito no mundo e é, até, motivo de chacota, com efeitos tóxicos na sua credibilidade mundial. Poderá ser o começo do fim da sua hegemonia?

Mas não está sozinho: foi eleito pelos americanos. E há países e líderes mundiais que partilham estas políticas, ora por convicção, ora por interesses estratégicos, ora por fraqueza moral.

Mas é o país mais poderoso na economia e como potencia militar. E o mundo inteiro paga à América quantidades enormes de aviões e mais armamentos. É o negócio americano.

Mas o Mundo não ficou em silêncio. Resumamos algumas reações:

– Da ONU e do Secretário Geral, António Guterres

“O Estado de Direito está a ser substituído pelo Estado da Força. E este ataque não vem das sombras, nem é uma surpresa. Está a acontecer à vista de todos, e por aqueles que têm o maior poder... E em todo o mundo os direitos humanos estão a ser deliberada e estrategicamente reprimidos e, por vezes com orgulho”, disse na abertura da 61ª sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU, em 23 de Fevereiro de 2026, em Genebra.



--Por parte da Igreja Católica: Do Papa Leão XIV:



Disse: “As estratégias de poder económico e militar não dão futuro à humanidade”

“Deus rejeita as orações de líderes cristãos que promovem guerras e que eles têm “mãos cheias de sangue”...” o abismo irreparável da guerra”.

--Do Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Parolin:

Afirma: “Este declínio do direito internacional é preocupante: a justiça foi substituída pela força. É o multipolarismo marcado pela primazia do poder e pela autorreferencialidade...”

--Da Comissão Teológica Internacional:

“O futuro da humanidade está na relação, não na tecnologia”.

Em documento, aprovado pelo Papa Leão XIV, a Comissão reflecte sobre o desafio epocal da antropologia cristã na era da Inteligência Artificial e sobre os riscos da infoesfera e a crise da democracia.

O documento enfoca particularmente a tecnologia digital, que não é apenas uma ferramenta, mas constitui um verdadeiro ambiente de vida, na medida em que estrutura as actividades humanas e as relações. Daí decorrem vários riscos: no âmbito ambiental, a expansão do mundo artificial implica uma economia baseada na exploração ilimitada dos recursos, em nome do lucro máximo. A consequência trágica é a dívida ecológica entre o Norte e o Sul do mundo, a urbanização selvagem e abusiva e as políticas extractivas poluentes. No relacionamento com os outros, a revolução digital pode levar o indivíduo a sentir-se insignificante num fluxo incontrolável e desestabilizador de informações, entre contactos meramente virtuais.

Quanto à corporeidade: “se, por um lado, há avanços na saúde e no bem-estar dos diferentes povos, o documento alerta para a difusão do **culto do corpo**, especialmente no Ocidente, onde se tende à figura da perfeição, sempre em forma, sempre jovem. Aborda outros assuntos, como a relação entre o digital e a religião, a crise das democracias ocidentais, a infoesfera, a identidade e o amadurecimento do amor, as tensões entre a polaridade espiritual e o material, entre o masculino e o feminino, entre o indivíduo e a sociedade, e o valor da diferença”.

É um documento a ser reflectido profundamente.

--De Ursula von der Leyen – União Europeia

A UE está no bom caminho ao promover acordos financeiros com a Índia e com o Mercosul, ao rever a estratégia de produção eléctrica a partir de centrais nucleares e ao apostar na renovação



e implantação da indústria de defesa militar. Não há hegemonia económica ou política sem capacidade de defesa e persuasão militar autónomas, ainda que com algum prejuízo de uma Europa social e humanista. O seu afastamento da Europa e da Nato força um

momento oportuno para uma renovada hegemonia que se contraponha às grandes potências: os EUA, a Federação Russa e a China.

“O mundo em que vivemos é brutal, duro e implacável. Parece estar de pernas para o ar”, afirmou a dirigente europeia, alertando que muitas das certezas do passado estão a ser postas em causa num cenário marcado por tensões geopolíticas e económicas.

--Das nações da Europa proclamam:

“A guerra do Irão não é a nossa guerra, nem a guerra da NATO”.

--Do Major-General Carlos Branco:

“Ao Irão, para ganhar a guerra, basta resistir”.

--De Marc Carney, 1º Ministro do Canadá, em Davos

Janeiro de 2026, um discurso fora de caixa. Excelente.



Breve resumo

“Hoje vou falar sobre a ruptura da ordem mundial, sobre o fim de uma ficção agradável e o início de uma realidade brutal, em que a geopolítica das grandes nações não está sujeita a quaisquer restrições. Direi também que as médias potências, como o Canadá, não são impotentes. Têm capacidade para construir uma nova ordem que integre os nossos valores: o respeito pelos direitos humanos, pelo desenvolvimento sustentável, pela solidariedade, bem como pela soberania e integridade territorial dos Estados. O poder dos menos poderosos começa pela honra.

Todos os dias nos apercebemos da grande rivalidade entre as grandes potências. A ordem baseada em normas está a desaparecer, os mais fortes actuam conforme a sua vontade e os mais fracos sofrem as consequências.

Os poderosos têm o seu poder. Mas nós temos a capacidade de deixar de fingir, de chamar as coisas pelo seu nome, de reforçar a nossa posição e de actuar em conjunto.

É o caminho do Canadá.

É um caminho aberto a qualquer país que deseje segui-lo conosco.”



--De Emmanuel Macron.

Reiterou o seu apelo "à paz, à desescalada e ao retomar das negociações, que são as únicas capazes de resolver as questões fundamentais".

"Nada seria pior do que bombardear a região durante semanas a fio e depois se retirar sem que um plano seja novamente restabelecido. O que a França defende é precisamente isso: um plano exigente para a cooperação".

--De Pedro Sanchez:

A guerra dos EUA e Israel contra o Irão é "ilegal, absurda e cruel". "Desastre absoluto", afirma Pedro Sánchez. A última coisa que o mundo precisava era de outra guerra.



E relembra a participação de Aznar na cimeira que ditou a invasão do Iraque (foi a cimeira dos Açores, com a presença de Gorge Bush, de Tony Blair, de J. M. Aznar, e Durão Barroso).

-Recorde-se que Madrid não autorizou os EUA a usar as bases espanholas para operações na guerra contra o Irão, posição criticada por Donald Trump. "Somos um país soberano que não quer participar em guerras ilegais", argumentou Sánchez.

-Reconheceu a Palestina como um Estado

-Defende a ONU e propõe o fim de veto no Conselho de Segurança.

--Do Chanceler Alemão, Friedrich Merz, no Foro Económico em Davos:

Afirmou que o mundo "entrou numa era de política entre grandes potências", na qual a Rússia e a China desafiam os Estados Unidos.



Em seu discurso em Davos, Merz disse que a Europa precisa de aumentar a competitividade e investir em defesa.

O novo mundo das grandes potências não é um lugar acolhedor.

Alerto os participantes de que "a velha ordem mundial está-se desfazendo em um ritmo impressionante".

"Entramos na era da política das grandes potências", disse Merz. "O novo mundo das grandes potências é fundado no poder, na força e, quando necessário, na força bruta. Não é um lugar tranquilo."

Em Munique:

Já na Conferência de Segurança de Munique, em Fevereiro do corrente ano, sob o lema "Sob Destruição": considerou a conferência como um sismógrafo da situação política, reflectindo um contexto particularmente sombrio.

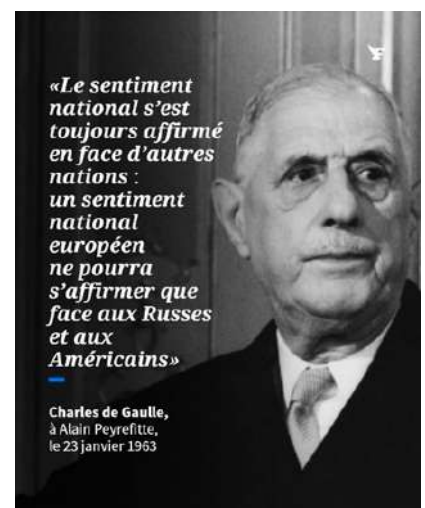
Foi ainda declarado que vivemos numa era marcada pelas grandes potências, incluindo o revisionismo russo na invasão da Ucrânia. A China procura afirmar-se como líder na reformulação da ordem mundial. A reivindicação dos EUA à liderança global foi desafiada e poderá ter sido enfraquecida.

Referiu-se também que a batalha cultural do movimento MAGA (Make America Great Again) não corresponde à realidade europeia, sublinhando que a liberdade de expressão encontra limites quando colide com a dignidade humana e com as leis fundamentais.

Por fim, reafirmou-se a rejeição de tarifas e do protecionismo, defendendo antes o comércio livre.

--Charles de Gaulle, em 1963:

O super-herói de França. O mito da resistência. *Président de la République*



Lidou com americanos, ingleses e russos. E concluiu: "o sentimento nacional é sempre afirmado, face a outras nações. Um sentimento nacional europeu nunca se poderá afirmar e consolidar, se não face a russos e americanos".

-- Das vigílias pela paz:

A vigília do próximo dia 11 de abril: Leão XIV convoca o mundo inteiro a rezar contra a guerra.

O Papa Leão XIV convoca uma vigília mundial de oração pela paz no dia 11 de abril na Basílica de São Pedro, aberta a todos - crentes de todas as fés e não crentes de boa vontade - para combater a indiferença à violência e unir dioceses e delegações (incluindo representantes ucranianos) num ato espiritual e político sem precedentes. Detalhes, datas, questões teológicas e mobilização global.

Vigílias pela Paz em Lisboa e Porto:

Centenas de pessoas saíram, este sábado, à rua em Lisboa e Porto, exigindo o fim das ameaças e agressões dos Estados Unidos da América (EUA) e de Israel contra o Irão, numa iniciativa organizada pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação. "Paz sim, guerra não".



Na Sé Patriarcal de Lisboa



Assistências: 1.º Ministro Luís Montenegro e outros...

VI – Mas há esperanças:

-- A Europa é esperança, com a sua cultura e humanismo de raízes cristãs e com a lucidez dos seus líderes.

Que o padroeiro da Europa, São Bento de Núrcia, seja inspirador de novos renascimentos.

-- Os organismos e instituições de origem democrática.

-- As mensagens de paz e de diálogo das diferentes religiões, tal como promovidas pelo Papa Francisco e, também agora, pelo Papa Leão XIV.

-- As organizações internacionais, como a ONU e outras.

-- A sabedoria dos homens justos deste mundo, **e de todos nós.**

O Irão

Marcas históricas como peso para actualidade ariana

por Carlos Borrego

I- Xiitas vs Sunitas

Após a morte de Maomé (632 d.C.) pôs-se a questão sobre quem deveria ser o seu continuador.

Disputou-se então a linha sucessória. Apareceram duas alternativas:

Posição dos Xiitas: o Líder supremo, o “umma” (imã), deveria ser um herdeiro directo do Profeta Maomé. Seria então o genro de Maomé, Ali, casado com a filha predilecta do Profeta, Fátima. Seria o “partido de Ali”, “ Shi atu Ali”. Eram os xiitas . Eles consideram os seus líderes como infalíveis

Actualmente constituem aproximadamente 10 a 20% do mundo muçulmano. Concentram-se no Irão (90%), principalmente, numa parte do Iraque (60%), no Líbano, no Iémen, no Bahrein, no Azerbaijão e em partes da Índia e Paquistão. Em territórios dos grandes impérios antigos: e por lá foram ficando, até hoje: é o peso da história.

Os Sunitas: este grupo entendia que o sucessor deveria ser aquele que estivesse melhor situado na corrida à sucessão. Neste caso seria Abu Bakr, que era a personalidade mais próxima de Maomé, e era visto como líder natural. E seria o Califa. Eram os sunitas. Ainda seguem os ensinamentos ou a tradição deixados pelo Profeta, na “Sunnah”.

Abu Bakr tomou a dianteira e inaugurou o califado. Posteriormente os sunitas continuaram a seguir os califas seguintes e os xiitas sujeitaram-se a esse califado, embora sempre com divergências.

Os Sunitas representam a grande maioria dos muçulmanos no mundo, compreendendo cerca de 80 a 90% da população muçulmana.

Eles consideram os quatro primeiros califas - Abu Bakr, Umar, Uthman e Ali - como líderes legítimos da comunidade muçulmana, com autoridade espiritual e política.

E não têm uma estrutura hierárquica centralizada e não reconhecem os líderes como infalíveis, como os Xiitas.

Os principais países de orientação sunita são a Arábia Saudita (90%), o Egito, a Turquia, a Indonésia, a Malásia e muitos outros países da África , norte e subsariana.

II-BREVE HISTÓRIA DO IRÃO

Arianos, helenísticos, sunitas, xiitas, laicos e republicanos eslámicos

1 - Entre os anos de 1000 e 800 a.C. terá ocorrido uma grande invasão do planalto iraniano por tribos designadas como indo-arianas. Teriam chegado também ao resto da Europa. As suas línguas seriam a origem matricial de línguas europeias , grego e latim (e línguas sucedâneas). Eram originários da Ásia e dos territórios do Cáucaso (Europa oriental e sul da Ásia). Os medos e persas foram as tribos invasoras, que mais tarde se fundiriam com a designação geral de persas. **E deixaram a língua ariana, mãe da SARFI (língua atual).**

Arianos

Por este histórico indo-ariano diremos que os iranianos ou persas são de **origem ariana**. Obviamente que os actuais iranianos, como em todos os países do mundo, serão o resultado de caldeamentos sucessivos ocorridos ao longo dos milhares de anos, nomeadamente de povos semitas dos tempos da conquista e da expansão árabe/muçulmana. O nome de Irão resulta do étimo “ariano”. (Recorde-se o destaque dos alemães pró-nazis que nos anos anteriores à segunda Grande Guerra e durante ela privilegiavam os iranianos por os considerarem de origem comum, de raça ariana).

A sua língua actual é de origem indo-ariana, embora escrita com caracteres arábicos. Foi e é considerada uma língua de elite, no sentido cultural e pan-iraniano, em uso em diversas partes do médio-oriente, onde quer que haja núcleos iranianos. Esses territórios e presenças ainda têm muito da cultura e língua proveniente da ocupação dos antigos impérios persas. A história pesa.

Não são de origem semita, como são, na generalidade, os muçulmanos árabicos e os cidadãos de origem judia.

O termo **semita** refere-se a um conjunto étnico e linguístico composto por povos originários do Médio Oriente, como os povos e línguas arábica, hebraicas, aramaicas e caldeus.

A origem da palavra "semita" vem de um texto do Génesis, referindo-se à linhagem de descendentes de Sem, (filho de Noé, do Dilúvio. Filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé).

Historicamente, esses povos tiveram grande influência cultural, pois as três grandes religiões monoteístas do mundo, judaísmo, cristianismo e islamismo possuem raízes semitas.

2 – Grandes períodos da história iraniana.

Chegou a ser o primeiro grande império do mundo, desde o Indo até ao Mediterrâneo.

Das primeiras organizações de domínio territorial e linguístico destacaremos a importância dos primeiros reinos territoriais, e dos respectivos reis.

Até aos dias de hoje, no século XX, 1979, data da Revolução Islâmica, sucederam-se dezenas de dinastias e de reis, designados como Xás em diversos períodos.

Grandes períodos da sua história e lideranças.

Poderemos considerar:

1º período: Invasões e fixação em território do actual Irão e em outros territórios europeus de tribos indo-arianas.

2º período: de 727 a.C. até 550 a.C.- Dinastia dos Medos. Foi a primeira organização territorial.

3º período : de 550 a.C. até 336 a.C. Domínio de reis persas, iniciado com a dinastia de Aquemenes - dinastia aqueménida. Foi o tempo do grande império persa. O zoroastrismo foi a religião oficiosa.

4º período: de 336 a.C. a 311 a.C. – Dinastia Macedónia, após a conquista de Alexandre o Grande.

De capacitação helenística. Alexandre Magno tinha sido discípulo do grande Aristóteles.

5º período: de 311 a.C. até 651 d. C. – Iniciado por Seleuco e dinastia selêucida, e regresso aos imperadores persas.

6º período: Sunita. De 651 até 1502. Iniciado com a expansão árabe, pela conquista ordenada pelo Califado Ortodoxo sunita e alcançada por Omar de Medina.

7º período: Xiita. De 1502 até 1979 - Inicia-se com a conquista do território por **Ismail e da dinastia safávida** (1052 a 1736). Por oposição ao avanço territorial dos rivais otomanos (que acabariam por conquistar Constantinopla em 1453, ano consignado como o fim da Idade Média e início da Idade Moderna) Ismail promove a conversão sunita para o xiismo, como forma de alcançar nova identidade frontal aos otomanos, que eram sunitas. Sucederam-se diversas dinastias até ao século XX.

8º período: de 1925 até 1979 - monarquia de dois “Xa, Mohammad Reza Pahlavi e de seu filho Reza Pahlavi, de características seculares.

9º período: de 1979 até nossos dias. Revolução Islâmica de líderes supremos, com os Ayatollah, guias espirituais e políticos.

Nestes enquadramentos temporais poderemos distinguir épocas ou fenómenos mais marcantes:

III - O zoroastrismo

O zoroastrismo entra na história por volta de meados do século VI a.C. Serviu como religião oficial dos antigos impérios iranianos por mais de um milénio (aproximadamente de 600 a.C. a 650 d.C.), mas decaiu com a expansão árabe a partir do século VII.

É uma religião iraniana baseada nos ensinamentos do profeta iraniano Zoroastro (Zaratustra). Tem uma cosmologia dualista de bem e mal, dentro de um conceito monoteísta de uma ontologia monoteísta de um ser supremo, e de uma escatologia que prediz a conquista final do bem contra o mal. E foi adoptada como religião oficiosa por Aquemenes, da dinastia aqueménida.

É famosa a obra de Neitzke, no seu livro “Assim falava Zaratustra”.

A Sabedoria no alto das montanhas. Os **zigurates** seriam observatórios astronómicos e de culto e de ciência, com estudos influenciadores na elaboração de calendários temporais ou na antevisão dos percursos históricos. Estavam localizados nos cumos das montanhas da Mesopotâmia e do Irão, sendo sede de sábios e de magos. Os Reis Magos do Evangelho terão algo a ver com eles.

IV. Alexandre III da Macedónia

Mais conhecido como Alexandre, o Grande, foi rei do antigo reino grego da Macedónia. Ele sucedeu seu pai, Filipe II, no trono em 336 a.C.

Tinha sido discípulo do grande Aristóteles. No seu projecto pan-helénico de difusão da cultura grega pelo mundo conhecido, empreendeu o alargamento do seu império para oriente, e terá chegado às proximidades da Índia. Nesta saga imperial conquistou a Pérsia, derrotando o rei Dario III. O Império desmoronou-se mais tarde, após a sua morte. Mas sedimentou-se uma cultura grega, designada **cultura helenística**.

V - A Rota da Seda

A Rota da Seda foi uma rede de rotas comerciais asiáticas (principalmente de seda chinesa) iniciada durante a Dinastia Han, do século II a.C. até meados do século XV. Com mais de 6 400 km de extensão, era um caminho de facilitação das interações económicas, culturais, políticas e religiosas entre o Oriente e o Ocidente.

No século I d.C., a seda chinesa era amplamente desejada em Roma, Egito e Grécia. Outros produtos orientais incluíam: chá, corantes, perfumes e porcelana. As exportações ocidentais incluíam: cavalos, camelos, mel, vinho e ouro. E a comercialização do papel e da pólvora teve um impacto significativo na história política das regiões do sul da Ásia e Europa.

Passava pelo Irão e por Ormuz. Por aí os portugueses intervieram na rota.

V - Ormuz, Goa e Malaca (hoje Singapura): estreitos, territórios, comércio, domínio dos mares.

Em 1507, Afonso de Albuquerque chegou a Ormuz, no atual Irão, e iniciou a construção de uma fortaleza, conhecida como Forte de Nossa Senhora da Vitória, mas o projeto rapidamente colapsou.

Mas a importância de Ormuz era demasiado grande para ser ignorada.

Em 1515, Afonso de Albuquerque regressou, desta vez com força suficiente para garantir o controlo da cidade. Levantou uma fortaleza com invocação de Nossa Senhora da Conceição.

O objetivo era claro: proteger a posição portuguesa e garantir o controlo fiscal e militar das rotas comerciais.

O rei local tornou-se vassalo de Portugal e teve de pagar tributo.

Durante mais de um século (entre 1507 e 1622), Ormuz foi um dos pontos mais valiosos do império português.

Quem passava por ali - navios carregados de especiarias, cavalos, pérolas ou tecidos - pagava. Portugal transformou aquele estreito numa espécie de “alfândega global”.

O domínio dos estreitos de Ormuz, de Goa e de Malaca (Singapura) e de outras praças fortes no Índico como Socotorá e Omã, na costa do sul asiático, completavam o domínio dos mares.

**“Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte”**

De “Os Lusíadas” de Luís Vaz de Camões



Fortaleza de N^a S^a da Conceição - Ormuz
Foto actual



Afonso de Albuquerque - Vice-Rei da Índia

Irmão Superior Geral em Barcelos

Publicação de Colégio La Salle de Barcelos – 9 de Janeiro de 2026:

Hoje foi um dia especial para o nosso Colégio. Tivemos a alegria de acolher a visita do Irmão Armin Luistro, Superior Geral dos Irmãos de La Salle, que passou o dia connosco, escutando, dialogando e partilhando a vida da nossa comunidade educativa.

A sua presença foi um sinal de proximidade, cuidado e comunhão, reforçando a nossa identidade lassalista e lembrando-nos que fazemos parte de uma grande família, espalhada pelo mundo, unida pela missão de educar com sentido, fé e compromisso com cada pessoa.

Obrigado, Irmão Armin, pela simplicidade, pela palavra encorajadora e pelo testemunho que deixa marca. Seguimos juntos, com esperança, na missão de educar corações e transformar vidas.

Artigo publicado pela província lassalista de Espanha e Portugal, ARLEP – Conselho Geral - em 21-01 2026:

A Família Lassalista de Portugal acolheu com entusiasmo a visita do Irmão Armin Luistro, Superior Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, que chegou na quinta-feira, 8 de janeiro, acompanhado pelo Irmão Joël Palud, Conselheiro Geral, e partiu no domingo, 11 de janeiro, após vários dias marcados pela fraternidade, comunhão e fortalecimento da identidade lassalista e do sentimento de pertença.

Na sexta-feira, 9 de janeiro, foi dedicada especialmente à visita à Escola La Salle Barcelos. O dia começou com uma reflexão matinal junto à estátua do Fundador, um momento significativo de conexão com as raízes carismáticas lassalistas e de boas-vindas ao Irmão Armin. Ao longo do dia, o Irmão Superior Geral reuniu-se com os educadores e encontrou-se com os alunos em duas ocasiões, demonstrando genuína proximidade e simplicidade, qualidades muito apreciadas pela comunidade educativa.

À tarde, visitou a ONG SOPRO, onde pôde constatar em primeira mão o seu trabalho de caridade e social. De seguida, deslocou-se a Braga para visitar a escola de São Caetano, reforçando assim os laços com as diferentes presenças lassalistas em Portugal.

No sábado, 10 de janeiro, realizou-se um encontro com as comunidades lassalistas, concebido como um espaço para um diálogo profundo e sincero. Cada comunidade partilhou dois pontos fortes e dois pontos fracos num exercício de discernimento comunitário.

Nesse mesmo contexto, o Irmão Superior Geral e o Irmão Conselheiro Geral apresentaram a sua visão

da realidade atual do Instituto, enfatizando a universalidade como um dos seus grandes pontos fortes e, simultaneamente, como um desafio: uma identidade comum que por vezes se manifesta com ritmos e processos diferentes nas diversas realidades do mundo lassalista. O Irmão Armin também destacou a missão realizada pelas comunidades lassalistas em Portugal, não só na área pastoral, mas também na eclesial e, de modo muito especial, na social. Neste contexto, encorajou-as a continuar a aprofundar esta linha de abertura, que apontou como um claro sinal da presença de Deus no seio das comunidades e como um apelo para encarar o futuro com esperança.

Em suma, foram dias de verdadeira fraternidade e comunhão, nos quais o mundo lassalista de Portugal se fez presente ao Superior Geral. A presença do Irmão Armin Luistro foi sentida como um genuíno reforço à identidade e ao sentimento de pertença, e como uma fonte de alegria e gratidão para todos aqueles que compõem a família lassalista em Portugal e no Distrito de Arlep (La Salle na Espanha e em Portugal).



Informação do Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Alunos La Salle de Portugal, José Carlos:

Viva,

O Irmão Superior Geral da Congregação, Ir. Armin Luistro, está de visita Portugal.

Acompanham-no o Ir. Joel, de nacionalidade francesa mas durante muito tempo trabalhou em Espanha e agora Conselheiro geral da RELEM e ainda o Ir. Eladio, na qualidade de Visitador.

Neste âmbito, foi possível, durante a manhã de hoje, partilhar com eles uma Oração promovida pelo Grupo de Associados, seguindo-se um almoço presidido pelo Irmão Superior Geral e assessorado pela Comunidade de Barcelos e pelos jovens Associados. Relativamente ao Irmão Superior Geral, ficamos com a sensação de uma pessoa simples, próxima, afável, e extremamente comunicativa.

Vindo das Filipinas, traz-nos a calma, serenidade e sabedoria oriental... que falta nos fazemos nos tempos que correm!

Foram momentos enriquecedores aqueles que podemos partilhar.

A Associação esteve representada pelos Presidentes da Assembleia Geral e da Direcção.

Foi-lhe oferecida uma colecção dos Boletins da nossa Associação. E mostrou bom apreço pela nossa revista, a julgar pelo diálogo acolhedor que manteve connosco.



Com o Ir. Joel Palud, conselheiro geral

Irmão Superior Geral em Moçambique

Publicação de Colégio La Salle de Barcelos – 9 de Janeiro de 2026:



Os Irmãos, os estudantes e colaboradores Lassalistas em Moçambique receberam hoje a visita do actual Superior Geral do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, o Irmão Armin Luistro, acompanhado pelo Conselheiro Geral, o Irmão Anatole Diretenadji. Esta presença de liderança internacional representa um momento de grande significado para a missão lassalista no país, reforçando o compromisso com uma educação de excelência inspirada nos valores de São João Baptista de La Salle.



Entrevista com o Irmão Figueiredo (Barcelos)

- a docência, o apostolado e as responsabilidades de direção

Entrevista conduzida por Albino Ramalho



Irmão José Pereira de Figueiredo

Natural de Barcelos, de freguesia vizinha da casa de formação dos Irmãos, onde fez o aspirantado, passando sucessivamente por Abrantes, Bugedo e Salamanca no processo de formação comum na Congregação. Após a sua conclusão, é destinado como docente às comunidades de Braga e Barcelos onde, além da docência e acompanhamento dos jovens, vem a assumir, respectivamente, a direção técnica e a direcção pedagógica. Embora aposentado, continua ligado à direcção de São Caetano e a apoios diversificados tanto de cunho lassalista como da pastoral local.

Vocação religiosa como chamamento e resposta

Falando de vocação religiosa, falamos de chamamento. De quem? Como sentiu esse chamamento?

Quando me perguntam, e se eu próprio me coloco a questão, como surgiu a minha vocação, vêm-me sempre à mente dois ou três factos que de certa forma deram origem a ser hoje Irmão De La Salle.

Quem nasceu e vivia perto, tinha a inspiração mais perto?

Sim, sem dúvida. Nasci perto do La Salle, em Gamil, uma terra que por ser a minha raiz, sempre levo no coração como a melhor freguesia do mundo. De criança, quando, através do portão da Quinta do Galo, observava os jovens formandos a passear de ar alegre e divertido, vinha-me ao pensamento a pergunta: «E se eu fosse um deles?». Ao terminar a quarta classe, combinei com um dos meus amigos de ir para o Seminário. E um domingo, depois da missa, encontrei-me com Ir. Avelino que me perguntou se eu queria ser Irmão De La Salle. Como já vinha pensando nisso, disse que sim. Pensei ser assim a confirmação de chamamento que vinha sentindo.

Quais as etapas que se seguiram até à admissão na Congregação?

Foram várias as etapas que tive de percorrer juntamente com outros candidatos que se propunham seguir a mesma opção.

Etapas de formação dos irmãos das Escolas Cristãs

Com 12 anos ingressei na primeira dessas etapas, o **Aspirantado**. Éramos à volta de 100, todos muito jovens e de diversas proveniências. Como de costume, tive um anjo, assim se designava um dos colegas mais velhos encarregado de orientar um recém-chegado. Esse papel coube ao Henrique, de Perelhal.

O Ir. Iglésias, o diretor, acompanhava de perto os nossos passos, junto com uma comunidade jovem, que unia a formação e cuidado religioso, com o trabalho escolar exigente, o desporto e a animação cultural próprios desta juvenil etapa de formação que foi ainda pontuada pela forma de acompanhamento personalizado do Irmão Emílio Mazariegos como director. Durante este percurso, por razões diversas, alguns iam ficando pelo caminho, motivo de tristeza e desapontamento pela perda daqueles amigos.

Quando cumpríamos 16 anos, entrávamos no **Postulantado**, fase em que os aspirantes à vida religiosa continuam, pelo estudo e formação um amadurecimento progressivo da decisão de abraçarem a vida religiosa.

Para completar o 9.º ano, fomos transferidos para o Colégio La Salle de Abrantes, onde já se encontravam outros jovens postulantes sob a direção do Irmão Santiago substituído mais tarde pelo Irmão Emílio Mazariegos. Em Abrantes, apreciávamos o ambiente de mudança, com menor proximidade à comunidade, mais centrados nos estudos.

No contacto com outras vivências, outras formas de encarar a vida, não sentiu abalos na sua fé e na vontade de seguir o chamamento inicial?

Na verdade, boa parte do secundário foi para mim um período de profunda crise de fé e vocacional. Cheguei a dizer que nenhum de nós chegaria a frade. Tentava encontrar respostas, e conhecer-me a mim próprio, conhecer a Deus e o mundo. O Ir. Emílio desafiava-nos a viver uma experiência intensa de oração e compromisso, ao encontro pessoal com Jesus e a Palavra. Aceitei e tentei continuar a arriscar na fé: cultivando a oração, o empenho no grupo e nos estudos.

Acho que me dispus a uma maior escuta. Por altura do Natal, uma mensagem de Paulo VI, mesmo na noite de consoada, desafiava-me a ter coragem de seguir em frente perante a desistência...

Interpretei a mensagem como dirigida a mim. Decidi continuar e seguir para o Noviciado.

Outra fase no percurso de estudo e amadurecimento do chamamento e resposta vocacional. É assim?

Com 19 anos feitos, viajei para o Convento de Bujedo, uma aldeia espanhola da província de Burgos. Iniciava o Noviciado, um tempo de aprofundamento da vocação, focalizado na espiritualidade própria da vida religiosa e segundo o carisma do Fundador S. João Batista de La Salle. Com a duração de um ano, incluiu, sem grandes formalidades a colocação do hábito e, no final, os primeiros votos. Foi para mim etapa difícil: um grupo numeroso, 27 formandos, de várias proveniências de Espanha, uma língua que não dominava, uma nova equipa de animação. Entre os formadores, o Ir. Júlio Rojo, sempre apostado em clima de confiança e espírito comunitário tanto entre o grupo como as pessoas e

actividades daquele importante centro de formação e acolhimento da Congregação. Apesar dos momentos altos e baixos, felizmente pude superá-los e achei que devia manter a decisão que havia tomado.

Os primeiros votos com que coroou o Noviciado assinalam propriamente a sua entrada na Congregação. Que faltava ainda cumprir neste percurso de formação?

Seguia-se o **Escolasticado**. Com a duração de três anos, destinava-se à formação e aquisição de competências mais direcionadas para o exercício da missão pastoral e educativa dos Irmãos das Escolas Cristãs. Decorreu no Instituto Pontifício de Catequética e Ciências Sagradas “San Pío X”, em Tejares, Salamanca, com um equipa científico-pedagógica muito qualificada e próxima de cada um dos formandos que muito contribuiram para, no seu termo, estarmos capacitados com o conhecimento e saber-fazer para um normal integração nas comunidades lassalistas que nos fossem destinadas desempenhando com zelo e empenho a missão da Congregação.

E qual o primeiro destino para onde foi enviado após o Escolasticado? Como foi acolhido e apoiado nesta nova etapa do seu percurso de Irmão?

Vida ativa nas comunidades de Portugal: docência, apostolado, responsabilidades.

Como seria de esperar, finalizado o Escolasticado, o Irmão Provincial, competia-lhe a gestão dos Irmãos pelas diferentes casas da sua área, enviou-me para o Colégio de São Caetano, onde fui muito bem recebido pela Comunidade Educativa.

São Caetano foi uma etapa muito importante, do meu início de missão, numa obra sócio-educativa desafiante. Era uma ajuda poderosa o apoio dos Irmãos mais experimentados e as conversas que tínhamos como Irmãos jovens. Entretanto comecei a curso de Biologia e Geologia na Universidade Minho, conciliando Universidade com trabalho no Colégio. Quase a concluir o curso, chegou o momento de decidir a Profissão Perpétua e, mesmo sem todas as certezas, achei que era o mais acertado e mantive a decisão daquele Natal.

Depois de Braga, seguiu-se Barcelos. De certo modo, um regresso às origens.

Aqui tinha iniciado o meu percurso de formação lassalista e eis-me agora de regresso, já Irmão, à casa que me tinha acolhido de criança. Tendo concluído a licenciatura e após o estágio pedagógico integrado, lectionei as disciplinas de Ciências Naturais e de Educação Moral e Religiosa Católica. Dois anos apenas passados, foi-me confiada a direção pedagógica do Colégio La Salle, cargo que exerci durante 12 anos, uma experiência exigente, mas muito apoiado pela equipa que comigo trabalhava bem como pela Comunidade de Irmãos.

Valorizo muito nesses anos os encontros de formação a nível local e do distrito da Congregação com as equipas diretivas de outros colégios, com temas sempre inovadores e criativos, favorecendo a renovação pedagógica e pastoral. Com satisfação ressalto desses anos a continuidade do compromisso no grupo cristão, os campos de trabalho e os acampamentos. Parece-me que esse foi um bom ponto de equilíbrio.

Já vimos que, quase acabado de chegar a Barcelos, teve de assumir a direção pedagógica. Mas outras responsabilidades esperavam por si.

Pois, depois dos anos de Barcelos, fui de novo colocado em Braga, desta vez como Diretor Técnico de São Caetano, com a missão de orientar a equipa de educadores e funcionários. Já era terreno conhecido, mas esta responsabilidade colocava-me como primeiro responsável dos jovens que eram acolhidos. Foram 7 anos de dedicação, tentando o melhor acompanhamento possível. Um contributo que deixámos como homenagem a Frei Caetano Brandão, fundador de São Caetano, foi a renovação do Projeto Educativo.

Para além da sua comunidade e do ensino nas suas escolas, os Irmãos estão também atentos e operantes a outros níveis da Igreja e do Mundo.

Para além do trabalho educativo, assumi a participação no Secretariado das Escolas Católicas da Diocese e no Conselho Pastoral. Também entrei na Direção da SOPRO, uma ONG de cunho lassalista virada para apoio aos mais desfavorecidos e com uma valiosa.

vertente de apoio a crianças moçambicanas. Mantive, claro está o empenho nos grupos cristãos na Pastoral de Barcelos.

Servir com simplicidade, diálogo, proximidade e responsabilidade.

Sempre de olhar atento ao que se passa à sua volta e desejoso de intervir. Com que valores e referências em vista?

Em todos estes anos e nas tarefas em que fui servindo, e me mantenho ativo, tento ser uma pessoa simples, dialogante, próxima, responsável. Talvez pelo receio de desacertar ou por segurança pessoal, procuro fugir ao imprevisto e preparar antecipadamente o que vou fazer ou dizer. Sobretudo quando a tarefa é mais arriscada, rezo e entrego a Deus.

Como referência destes valores tenho na memória muitos Irmãos que me foram marcando: Ir. Martinho, Ir. Emílio, Ir. Manuel, Ir. Júlio, Ir. David, os Irmãos que fizeram comigo a formação, com os quais mantive encontros anuais desde o fim do escolasticado (Sindicato Cavorota). Foram presenças importantes cada Provincial, todos Irmãos das comunidades de Barcelos e Braga. A nível de Igreja, o encontro com o movimento dos Focolares e o conhecimento que me trouxeram de religiosos e pessoas, certamente muito marcaram o meu modo de viver como cristão e Irmão.

Num mundo hoje tão marcado pelo consumismo e apelos à satisfação material, como conseguem os religiosos manterem-se fiéis ao tal chamamento de que falávamos no início desta conversa?

O Irmão De La Salle vive sempre mergulhado no contexto social dos alunos e famílias da própria escola, dos grupos de jovens ligados à pastoral, na relação com as estruturas religiosas e sociais da comunidade local. A vida pessoal e comunitária vive este contraste constante. Necessariamente é o cuidado da vida fraterna, a vida de fé e o compromisso educativo e pastoral, com espaços de silêncio, reflexão e quando é possível tempo de retiro, que ajuda ao que se diz conversão do coração e estilo de vida ao Evangelho.

Ao fim de 90 anos de presença em Braga, os Irmãos deixaram o Colégio dos Órfãos de São Caetano. Como sentiram os Irmãos este desfecho?



com os Irmãos de Profissão

No fim do mês de agosto de 2024, a comunidade La Salle deixou oficialmente de estar presente numa cidade, que acolheu em 1933 os primeiros Irmãos em Portugal.

"Acontecimento doloroso para a comunidade e os lassalistas"

Foi um acontecimento doloroso para a comunidade e os lassalistas que vivemos esta mudança, mas também o foi e talvez mais para quem teve que assumir esta decisão, em especial o Ir. Provincial José Román, e particularmente o Ir. Esteban, este como Visitador Auxiliar da nossa zona.

Nesta última etapa em São Caetano, os últimos seis anos, a comunidade passou por algumas dificuldades iniciais, de algum desencontro de visões sobre o papel da comunidade na obra. No entanto viveu-se uma boa experiência em todos os sentidos, com uma missão de serviço de voluntariado, tanto no apoio aos jovens como aos educadores e mesmo o apoio escolar a alguns alunos do colégio em Barcelos.

O assunto da reorganização da Congregação, estava em cima da mesa, face à redução dos seus recursos humanos, o que exigia uma nova planificação das comunidades no conjunto das casas do Distrito ARLEP, de Espanha e Portugal, o que acelerou uma decisão, já prevista, e muito custosa, sobretudo para todos os que mais anos conviveram com a comunidade.

Não se trata, contudo de um abandono total. De alguma maneira o espírito lassalista continua presente em São Caetano: nas pessoas da Diretora Técnica e Diretora Executiva, associadas à missão La Salle, e de um Irmão na Direção. Os Irmãos e os lassalistas continuarão a estar presentes no apoio pastoral, oração semanal, celebrações e actividade desportiva.

Qual o estado da Congregação em Portugal e no mundo?

O último Capítulo Geral, o 46º, reafirmou a convicção do nosso Fundador e os primeiros Irmãos acreditavam que as Obras Educativas Lassalistas continuam a ser de grande importância para a Igreja e para o Mundo. Em cada um dos 80 países, trata-se de encarnar o carisma na própria cultura, no país, para que esteja ao serviço da educação humana e cristã dos mais pobres.



com o Ir. Martinho, Ir. Bento e Ir. Xavier (em cima)
Carlos Garrido (em baixo)

Em Portugal, neste momento, apenas duas comunidades lassalistas: a Comunidade de Barcelos (Irmãos e 2 leigas) e a comunidade Maravilha (apenas leigos). Para além das comunidades podemos alargar a vivência do carisma lassalista a muitos jovens e adultos, aos professores, à SOPRO, São Caetano, aos Antigos Alunos, animadores de Grupos e a tantos que vivem em espírito de fé, fraternidade e serviço, ao estilo La Salle. É verdade que os Irmãos que ficam vão subindo em idade e que os jovens são escassos. Mas, como grão de trigo que cai na terra e morre pode dar muito fruto, também, as nossas vidas, se confiadas a Deus e entregues por amor, darão o fruto que Deus quiser e quando quiser.

Para concluir, Irmão, Figueiredo, uma mensagem aos leitores deste boletim.

Gratidão pela teimosia e perseverança na continuidade do Boletim

Obrigado a toda a equipa do Boletim dos Antigos Alunos. Vejo sempre este Boletim, como toda a publicação escrita, como a necessidade que todo o corpo tem de partilhar experiências, talentos, notícias da casa, de refletir sobre o que é importante, de provocar novos caminhos e abrir os sentidos ao que se passa no mundo, na Igreja, no La Salle.

Admiro sempre a perseverança e teimosia em fazer sair cada Boletim, porque isso faz que a vida não morra e todos sintamos que alguém algo investe do seu tempo, que parece sempre escasso, para nos cuidar e acompanhar. Obrigado

Viva Jesus em nossos corações.



Irmão Figueiredo com os pais



Natural de Barcelos e residente em Guimarães. Aluno do Colégio La Salle, de Barcelos no 8.º e 9.º Ano. Licenciado e doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas pela Universidade do Minho. Professor Catedrático no Departamento de Produção e Sistemas da Escola de Engenharia, onde desenvolveu toda a sua carreira desde 1995. Presidente da Escola de Engenharia (2019-2025). Diretor Nacional do Programa MIT Portugal (2016-2025). Diretor do Laboratório de Ergonomia desde 2005, com vasta produção científica e internacional. Reitor da Universidade do Minho de que tomou posse em 04/12/2025.

Antes de começar, em nome do Boletim da da Associação de Antigos Alunos de La Salle, os nossos jubilosos parabéns pela eleição para Reitor desta prestigiosa Universidade e os nossos melhores votos de realização pessoal e de sucesso em tudo o que se propõe levar a efeito em prol da Universidade do Minho e dos que nela estudam e trabalham. E muito obrigado pela honra desta entrevista.

Os anos de formação e estudo marcam-nos para a vida pelos valores e conhecimentos assimilados e, e em função deles, pelas opções que tomamos. Na sua condição de antigo aluno do La Salle de Barcelos, que memórias guarda desses tempos de crescimento, de descoberta e de formação da sua personalidade?

Guardo dos anos passados no Colégio La Salle uma memória muito positiva e marcante. Foi, acima de tudo, um tempo de formação sólida, não apenas no plano do conhecimento, mas também no plano dos valores que acabariam por me acompanhar ao longo da vida.

Era também uma fase de descoberta, pois o Colégio iniciava então a formação dos primeiros ciclos do ensino secundário - na altura o 7.º, 8.º e 9.º anos.

A qualidade do ensino e da formação reflecte necessariamente a qualidade da sua organização e corpo docente. Desse ponto de vista, que opinião guarda do Colégio La Salle?

Entrevista ao Professor Doutor Pedro M. Arezes

Reitor da Universidade do Minho
Antigo Aluno La Salle de Barcelos

Dirigida por Albino Ramalho

Havia um corpo docente muito competente, mas a marca mais forte vinha, sem dúvida, da presença dos Irmãos de La Salle, cujo exemplo humano e educativo dava um carácter muito próprio à escola. **Além do ensino e formação, outros aspectos da vida no colégio estarão ainda muito vivos na sua memória. "Memórias que permanecem vivas"**. Sim, sem dúvida, e com o passar dos anos algumas memórias esbatem-se, mas outras permanecem muito vivas. Recordo com particular nitidez a viagem de finalistas do 9.º ano a Santiago de Compostela e, sobretudo, a minha participação no grupo cristão do colégio, nos 8.º e 9.º anos, em especial os acampamentos de verão, que foram momentos muito fortes de convivência e de formação.

"pequenos detalhes que não esquecem e os amigos para a vida".

Há também pequenos detalhes do quotidiano que nunca mais esqueci, como o espirobol (ou "spiribol", como chamávamos na altura), um jogo que conheci no colégio e que nunca mais vi noutra local. Este jogo fazia parte da nossa vontade de chegar rapidamente ao intervalo para grandes e animadas disputas entre colegas. E ficam também as amizades. Muitos dos colegas desses anos tornaram-se amigos para a vida, o que talvez seja uma das marcas mais bonitas desse tempo vivido em La Salle.

Em que medida os ensinamentos nele colhidos influenciaram as suas opções de vida pessoal e profissional? Recorda alguns dos mestres que de forma especial o tenham inspirado ?

Os ensinamentos recebidos no Colégio La Salle tiveram, sem dúvida, influência na forma como fui olhando para a vida, tanto no plano pessoal como profissional. Mais do que conteúdos escolares, ficou sobretudo uma certa maneira de entender a responsabilidade perante os outros e o valor do compromisso com a comunidade.

o compromisso com os mais necessitados uma marca do espírito de La Salle

Recordo com clareza vários professores que foram muito marcantes. Mas, de forma muito particular, alguns Irmãos de La Salle, pelo exemplo de vida que transmitiam.

Na altura talvez não compreendesse totalmente a dimensão dessa entrega, sobretudo o seu compromisso com os mais necessitados, mas com o passar do tempo fui percebendo melhor o significado desse testemunho e a forma como ele acabou por marcar a minha visão sobre o que era (e continua a ser) o espírito de La Salle. Entre alguns nomes, lembro com gratidão os Irmãos Alberto, Luís, Joaquim e Figueiredo, que, cada um à sua maneira, deixaram uma marca muito positiva nesse percurso.

Em termos de formação e comunicação, o La Salle foi muito marcado, pela influência espanhola dos seus responsáveis. Tendo tido como professores/educadores pessoas de diferentes proveniências linguísticas e formativas, de algum modo essa condição teve impactos nas suas aprendizagens?

Não creio que essa diversidade de proveniências tenha tido um impacto negativo nas aprendizagens. Pelo contrário, era algo que vivíamos com grande naturalidade. Dos Irmãos que referi anteriormente, dois eram de origem espanhola: o Irmão Luís, que já estava em Portugal há alguns anos, e o Irmão Alberto, que tinha chegado mais recentemente. Ambos procuravam falar português e essa proximidade facilitava muito a comunicação com os alunos. Talvez o aspecto que mais me marcou nessa dimensão internacional tenha sido perceber que os Irmãos de La Salle estavam presentes em muitos países do mundo e que podiam ser chamados a servir em diferentes lugares. Essa ideia despertava em mim alguma curiosidade e até imaginação sobre como seria o seu dia-a-dia em contextos e culturas tão diferentes da nossa. De certo modo, ajudava-nos também a perceber que pertencíamos a uma comunidade educativa com uma dimensão muito mais ampla do que a realidade local do colégio.

A perda do contrato de associação do colégio ao Ministério da Educação representou uma forte ameaça à continuidade da sua ação educativa, com previsível prejuízo para a juventude do município e região. Como vê o trabalho das instituições particulares de ensino num país fortemente marcado pelo ensino público?

Vejo as instituições particulares de ensino como um complemento importante ao sistema educativo, sobretudo tendo em conta que, ao longo dos anos, o ensino público nem sempre consegue dar resposta a todas as necessidades das comunidades. Nesse sentido, podem desempenhar um papel relevante de reforço e diversificação da oferta educativa.

Naturalmente, também aqui é preciso separar o trigo do joio. Tal como acontece no ensino público, existem instituições muito boas e outras menos conseguidas. O essencial é que todas, públicas ou privadas, partilhem o mesmo objetivo: oferecer uma educação de

qualidade e contribuir para a formação integral dos jovens. Nesse plano, o contributo de instituições com uma tradição educativa forte, como o La Salle, é particularmente valioso.

O seu percurso académico revela-nos uma especial preocupação pelas questões de segurança e bem-estar de pessoas e comunidades. Tendo em vista os terríveis efeitos das últimas tempestades no país, o que acha que deveria ser feito para estarmos mais preparados para enfrentar fenómenos com este potencial de destruição?

Creio que as questões de segurança e proteção das populações tenderão a estar cada vez mais presentes na nossa vida coletiva. Fenómenos naturais extremos, como os que recentemente atingiram o país, mostram bem a importância de estarmos melhor preparados, quer ao nível das infraestruturas, quer ao nível da preparação das próprias comunidades.

A aposta na prevenção, estruturas e educação, a melhor forma de evitar consequências dos fenómenos naturais.

Nesse sentido, considero essencial investir mais na prevenção e na preparação das populações. Sei que, com orçamentos públicos limitados, nem sempre é fácil apostar na manutenção preventiva das infraestruturas, sendo muitas vezes privilegiada a intervenção apenas quando os problemas surgem. No entanto, a experiência mostra-nos que a prevenção é, a médio e longo prazo, a forma mais eficiente de proteger as pessoas e de rentabilizar os investimentos em infraestruturas críticas e sistemas de apoio.

Deve haver incentivos fortes para estes investimentos que, apesar de não serem muito valorizados no momento em que são executados, porque as pessoas não percecionam o seu impacto no imediato, são fundamentais para evitar perdas materiais e humanas que podem atingir grandes proporções.

Na sua tomada de posse como Reitor, a Presidente do Conselho Geral, Professora Maria Assunção Raimundo, disse que “O futuro da Universidade do Minho depende da dedicação, da experiência e da visão que cada Reitor e equipa reitoral trouxeram ao longo dos anos”. Da dedicação e experiência falam os anos e o trabalho que lhe tem votado. E em termos de visão de futuro, que novidades lhe deseja transmitir?

A Universidade do Minho tem um percurso de grande afirmação e qualidade, construído ao longo de décadas pelo trabalho de muitas pessoas. A visão que procuramos trazer para o futuro assenta precisamente em continuar esse caminho, reforçando a capacidade da Universidade de responder aos grandes desafios da sociedade.

"Transformar o Presente e Inspirar o Futuro" - "equilíbrio entre responsabilidade e ambição" para enfrentar os desafios que enfrenta a Universidade.

Essa visão estava expressa no lema do nosso Programa de Ação que era "Transformar o Presente e Inspirar o Futuro". Este lema traduz, acima de tudo, uma ideia de equilíbrio entre responsabilidade e ambição. Não basta termos uma visão bonita para daqui a dez ou vinte anos. A Universidade só consegue projetar-se no futuro se for capaz de resolver os problemas concretos do presente.

Isso passa por aprofundar a qualidade do ensino e da investigação, fortalecer a ligação à sociedade e ao tecido económico, e manter uma forte abertura internacional. Ao mesmo tempo, queremos continuar a valorizar a dimensão humana da Universidade - estudantes, docentes, investigadores e trabalhadores - porque são eles que dão sentido e vitalidade ao projeto coletivo que é a Universidade do Minho.

Mais do que rupturas, a nossa visão procura consolidar o que foi bem construído e preparar a Universidade para novos desafios científicos, tecnológicos e sociais, mantendo sempre o compromisso com o conhecimento, a inovação e o serviço à comunidade. Para isso é necessário pensar a médio e longo prazo, preparar a Universidade para as grandes transições que estão em curso e posicioná-la para responder aos desafios que se colocam às universidades e à sociedade.

Quais, em sua opinião, os grandes desafios de futuro que se colocam à instituição Universidade em Portugal e à Universidade do Minho em especial? Com que estratégias e recursos?

Creio que um dos grandes desafios que hoje se colocam às universidades é afirmar o seu papel num mundo cada vez mais polarizado e marcado por uma enorme rapidez na circulação da informação e na exigência de respostas imediatas. Num contexto assim, torna-se ainda mais importante preservar aquilo que é a essência da universidade: o espaço de reflexão, de pensamento crítico e de produção de conhecimento rigoroso ao serviço da sociedade.

Há ainda desafios novos que resultam das transformações tecnológicas em curso. A inteligência artificial e as tecnologias digitais estão a transformar o ensino superior, com enorme potencial, mas também com riscos reais. É fundamental investir na formação e na literacia digital da comunidade académica, para que todos compreendam as potencialidades destas ferramentas, mas também os seus limites, os riscos de uma excessiva dependência e as questões de integridade académica e de privacidade.

No caso da Universidade do Minho, há também o desafio de preservar a sua identidade e coesão interna. A instituição cresceu muito nos últimos anos, o que é naturalmente positivo, mas é importante que continue a sentir-se como uma verdadeira comunidade, quase como uma família, onde todos partilham um forte sentido de pertença e de responsabilidade pela "nossa casa".

Finalmente, há sempre o desafio orçamental. Embora as receitas tenham vindo a aumentar, as despesas tendem a crescer a um ritmo ainda mais acelerado. Por isso, será fundamental gerir os recursos com rigor, garantindo sustentabilidade financeira sem comprometer a qualidade do ensino, da investigação e do serviço à sociedade.

Para além da Universidade e da investigação o Reitor, como cidadão, tem outras preocupações. Quais as que considera mais prementes nos tempos actuais?

Como cidadão, uma das questões que mais me preocupa atualmente é a crescente polarização das opiniões na sociedade.

Redes sociais e algoritmos associados

Em grande medida, esse fenómeno é amplificado pelo funcionamento das redes sociais e pelos algoritmos que lhes estão associados.

Muitas vezes, esses mecanismos acabam por expor cada pessoa sobretudo a notícias, opiniões ou conteúdos que confirmam as suas próprias predisposições. Assim, alguém com uma visão mais extremada tende a ser continuamente alimentado com informação que reforça essa posição. Nesse contexto, torna-se mais difícil o diálogo e a construção de posições equilibradas.

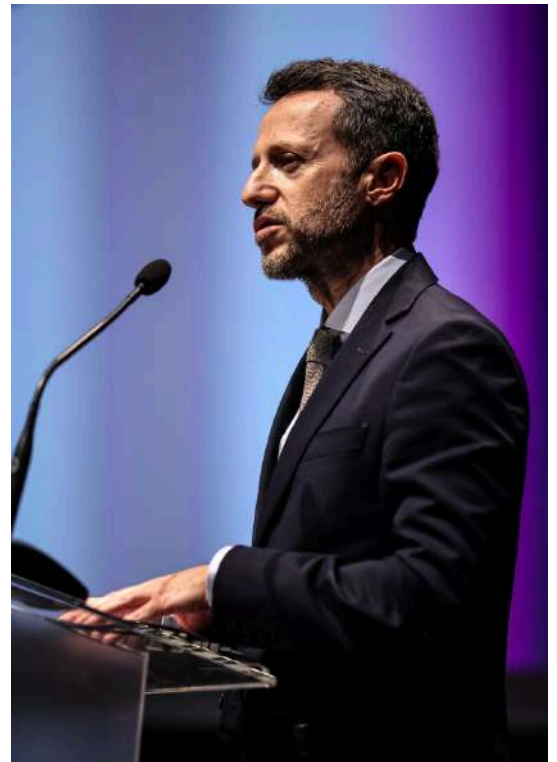
De certo modo, as redes sociais acabam por favorecer os extremos e tornar menos visíveis as posições moderadas, que são muitas vezes essenciais para o entendimento e para o funcionamento saudável das sociedades democráticas. Por isso, creio que este é um tema que merece uma reflexão séria por parte de todos nós.

Tendo este boletim como destinatários todos os que de alguma forma passaram pelas instituições de La Salle em Portugal, que mensagem gostaria de aqui lhes deixar?

Guardo muito boas memórias do tempo que passei no La Salle e acredito que a educação que ali recebida marcou de forma significativa a minha forma de estar ao longo da vida. Sei que o mesmo aconteceu com muitos dos meus colegas. Alguns ocupam hoje lugares de maior visibilidade na vida política, autárquica ou empresarial, mas também há muitos outros que, longe dessa exposição pública, construíram percursos profissionais e pessoais muito sólidos e bem-sucedidos.

A todos os que passaram pelas instituições de La Salle em Portugal deixo, por isso, uma saudação muito especial e o reconhecimento pelo espírito de comunidade que estas escolas ajudam a criar.

Aproveito também para dizer que a Universidade do Minho é hoje um projeto académico de grande qualidade, criativo e inovador. Todos serão sempre bem-vindos a aproximar-se das suas iniciativas e, naturalmente, a considerá-la como uma opção para a sua formação ao longo da vida, que é uma aposta forte da universidade no contexto atual, ou para a formação superior dos seus familiares e amigos.



Experiência em Moçambique 2025 – Gritos de Alma

Voluntariado em Moçambique – La Salle, Ana Rita Carvalho

Há sonhos que não conseguimos explicar. Apenas sentimos que crescem e ganham asas. Deixo aqui algumas palavras desta experiência que ainda hoje me enche o coração, para atualizar os mais curiosos e, talvez, para assimilar tudo o que vivi.

Há viagens que começam bem antes da partida: o sonho, a preparação, as malas, as despedidas, o envio, o medo do desconhecido e o abraço reconfortante. Tudo isto dá início a algo. Mas nada seria tão autêntico sem antes experimentar o desânimo de uma viagem desafiante. Não estamos preparados para perder o controlo. Algo que parecia tão certo rapidamente se tornou uma incerteza. Não nos deixaram embarcar. Ainda faltavam três voos e parecia impossível continuar. Que rutura inexplicável no início desta caminhada.

No meio da confusão, surgiu uma serenidade de quem tem a certeza de que não termina assim. Entre uma viagem inesperada de carro até Lisboa, gritos de crianças, pessoas a dormir, carrinhos de comida de um lado para o outro e horas intermináveis em Maputo, percebi que era real, que era coisa de Deus. Atravessámos meio mundo e chegámos à Beira, onde o coração explodiu de emoção e um sonho começou a transformar-se em memórias. Entre cores únicas, sorrisos infinitos, buzinas e uma comunidade lassalista muito acolhedora, este lugar tomou conta

do meu coração. Que bom foi iniciar esta jornada em Mangunde, com a receção de um projeto tão bonito como a Escola da Paz, um encontro semanal de crianças e jovens órfãos para brincar, aprender e rezar.

Disseram-me várias vezes antes de embarcar nesta aventura, mas agora entendo: Mangunde tem algo de muito especial. Ao viver tudo isto, houve algo que me inquietou: afinal, quem está certo? Sinto que nós vivemos para sobreviver e que, por lá, sobrevivem para viver. Mangunde é um lugar de muitas histórias, memórias e cultura. Um lugar onde vivi e senti Moçambique na sua essência: a simplicidade, a paz, os sorrisos, a alegria, as cores quentes, as músicas, as danças (ao som de um “Mana Rita, vem dançar!”) e a forma tão particular de acolher e cuidar, que começa sempre com um “Como está?”.

É também um lugar onde o coração entra em conflito com a realidade. Vejo um centro de saúde a lutar por um futuro melhor: ausência de médicos, falta de recursos, pacientes que caminham quilómetros, por vezes dias, para lá chegarem. Vejo crianças a correr com sacos na cabeça, apressadas para chegar a casa antes da noite, enquanto eu também me apresso, mas para me refugiar no pôr do sol.

Contudo, vejo um lugar com um amor muito próprio. Um lugar onde ninguém é abandonado no hospital, onde o

doente nunca está sozinho, onde todos têm um ou mais acompanhantes, mesmo que isso implique perder o emprego. Um povo que cuida, ama e se preocupa, onde presença importa. Vejo um lugar de esperança. Um lugar onde sou reconfortada com um abraço inesperado a caminho de casa. Um abraço puro, cheio de amor e autenticidade, carregado da esperança de que aqueles sorrisos sejam eternos.

Regressámos à cidade da Beira com outro olhar. A cidade parecia diferente: mais viva, mais próxima. Entre o CEALS, a João XXIII e o La Salle, fomos partilhando o que tínhamos para dar e abrindo o coração à surpresa de cada dia. Ainda hoje ecoa em mim a “confusão bonita” do corta-mato, o caminho diário de casa ao CEALS, os sorrisos, o “bom dia”, o carinho, a simplicidade e a alegria de quem ali vivia. Da Beira trago os olhares curiosos das crianças, os sonhos, os abraços apertados, a humildade, os cheiros e a comida. Um lugar que já chamávamos casa.

Chegou a hora do regresso. Entre o chão duro do aeroporto, os voos atrasados, a correria e o medo de perder o voo, chegou finalmente o abraço tão esperado.

Hoje ficam memórias vivas, páginas soltas de uma história que ainda terá muito por contar. Foram 42 dias em Moçambique: dias de partilha, sorrisos, lágrimas, encontros, gratidão e uma aprendizagem que não cabe em palavras.

De Mangunde à Beira, cada lugar deixou a sua marca.

Sou grata por tudo o que vivi e sonhei. Grata pela coragem de arriscar, mesmo sem certezas e mesmo quando não era compreendida. Grata por viver esta experiência tão bem acompanhada, pela Beatriz, por todos os que nos acolheram e pela família e amigos que, mesmo longe, nunca deixaram de estar perto.

Regresso com um sentimento de impotência, de quem queria dar e fazer mais. Mas, com o tempo, fui percebendo que o segredo de um missionário é saber ser e estar.

Agora, o desafio é outro: aprender a viver com tudo o que aprendi. Aprender a ser espelho do que vi e recebi. Aprender a ser luz na vida dos outros. “Não acredito que cada um tenha o seu lugar. Acredito que cada um é um lugar para os outros.”

Moçambique não mudou com a minha presença, mas transformou o meu coração. Ensinou-me o verdadeiro sentido das coisas simples e o valor das coisas generosas. Ensinou-me a ser mais humilde, a valorizar cada gesto simples e a descobrir que, quando me entrego, volto sempre mais cheia.

Aqui canta-se e dança-se na alegria e na tristeza, porque em tudo há vida, em tudo há amor.

Faltam as palavras, mas Moçambique é e será sempre especial.

Estamos juntos.

Ana Rita Carvalho, 2026



Ana Rita e Beatriz, com as crianças. Mais o sol de África, de um fim de tarde



O Comboio de tempestades (Kristin, Leonardo e outras)

O rio Mondego e as Cheias de 2026

Por Eng Carlos Mineiro Aires

O Rio Mondego é o maior rio português cuja bacia hidrográfica está unicamente em território nacional, que nasce na Serra da Estrela, a cerca de 1.425 m de altitude, percorrendo cerca de 234 km até desaguar no Atlântico junto à Figueira da Foz, com grande importância económica e energética.

A bacia hidrográfica do Mondego tem cerca de 66700 km² e abrange uma parte significativa da região Centro do país, com substratos graníticos e xistosos ao longo da maior parte do seu percurso e aluvionares já na parte final, onde existe uma importante atividade agrícola, nomeadamente a cultura do arroz.

É relevante salientar que uma parte significativa das aflúncias provêm da precipitação, que é habitualmente generosa na sua área, mas também da neve, hoje cada vez mais rara, o que não foi o caso deste ano.

A bacia divide-se em três zonas principais, a saber:

- Alto Mondego: zona montanhosa, com declives acentuados e regime torrencial;
- Médio Mondego: vales mais abertos e encaixados, onde foram com aproveitamentos hidroelétricos, caso das barragens da Aguieira e das Fronhas;
- Baixo Mondego: planície aluvial extensa e fértil, que foi regularizada para fins agrícolas e onde o leito inicial do Mondego foi artificializado tendo em vista o controlo de cheias, e não só.

No seu percurso, o Rio Mondego tem como afluentes na margem direita o Rio Dão e o Rio Ceira, e na margem esquerda o rio Alva.

Na zona terminal e já no Baixo Mondego, recebe o Rio Ega, o Rio Pranto e o Rio Foja, este por bombagem depois das obras de regularização.

Antes das obras de regularização e da construção das Barragens, era conhecido por “Basófiás”, o que advinha do facto de ter um de regime irregular, com cheias históricas frequentes que causavam grandes inundações e que afetavam a parte baixa da cidade de Coimbra.

Em 1948 aconteceu a grande cheia histórica que justificou o estudo para os planos de regularização hidráulica, que foram realizados décadas de 1950 e 1960, e em 2001, 2019 e 2020 ocorreram outros episódios de grande dimensão e com severas consequências.

No início da década de 1970 iniciaram-se as obras com a construção da Barragem da Aguieira e da Barragem de Raiva (ambas no rio Mondego, concluídas em 1981) e da Barragem das Fronhas (no rio Alva, concluída em 1985) e dos diques marginais, retificação de leitos, canais de drenagem e defesa de zonas do território, que se estenderam por duas décadas.

Este conjunto de intervenções, consubstanciadas num grande projeto de engenharia, provocou uma alteração profunda e a artificialização do leito tradicional do rio Mondego, a jusante de Coimbra, constituindo ainda hoje a maior obra hidráulica realizada em Portugal, cujo objetivo visava o controle de cheias, a produção de energia hidroelétrica e o abastecimento de água para a agricultura, para a indústria e para consumo público, bem como para outras utilizações e, ainda, por cobro ao ambiente insalubre existente à época.

Faltam ainda concluir algumas componentes do projeto, como é o caso da regularização dos rios Ega, Pranto e Arunca, e também o “estranho” caso do rio Foja que passou a ter de ser bombado para o novo leito do Rio Mondego, que agora corre entre diques alteados, numa estação elevatória onde estavam previstas seis bombas de grande capacidade, das quais só duas foram instaladas, mas uma está há muito tempo avariada, pelo que o caudal afluente não pode ser escoado e contribui para o aumento das cheias.

O leito “velho” do Mondego foi parcialmente abandonado, proporcionando outras atividades, como a pista de canoagem.

O Açude ponte de Coimbra, que garante o espelho de água com funções estéticas e lúdicas, é um elemento chave da solução técnica, está dimensionado para permitir a passagem de um caudal de 2000 m³/seg limite que não inundará Coimbra, o que obriga à gestão cuidada da Barragem da Aguieira, o que pontualmente pode ser problemático dado que também existem outros afluentes não controlados, caso do rio Ceira, ou em situações limite como agora sucedeu.

O Leito Central que passou a constituir o “novo” rio Mondego após obra de regularização, modificou o leito em termos da largura e profundidade e alterou o traçado inicial em parte do seu percurso, tem uma secção transversal trapezoidal dupla com um leito

menor onde pode se escoar o caudal dominante e um leito de cheia contido por dois diques marginais e tem uma extensão total de 36 Km, desde o Açude-Ponte de Coimbra até perto da sua foz, na zona estuarina da Figueira da Foz.

É importante salientar que a conceção da obra prevê a rotura dos diques em pontos estratégicos, denominados fusíveis, e a consequente inundação dos campos agrícolas na margem esquerda, não sendo de admirar que tal suceda. A surpresa só pode advir do facto destas roturas ocorrerem repetidamente em outros locais.

Este conjunto de soluções, cujo benefício não pretendo colocar em causa, hoje teria grande dificuldade em poder ser executado, por razões ambientais e pela necessidade de serem aprovados os incontornáveis estudos de impacte ambiental.

Apesar do vultuoso investimento, tem-se constatado a ocorrência de cheias, das quais merecem particular destaque as de 2001, 2019 e 2026, pelos prejuízos que causaram, incluindo desta vez o corte da A1, uma infraestrutura crítica de dimensão nacional, sendo justo reconhecer que os recentes eventos meteorológicos foram extremamente violentos e sucessivos.

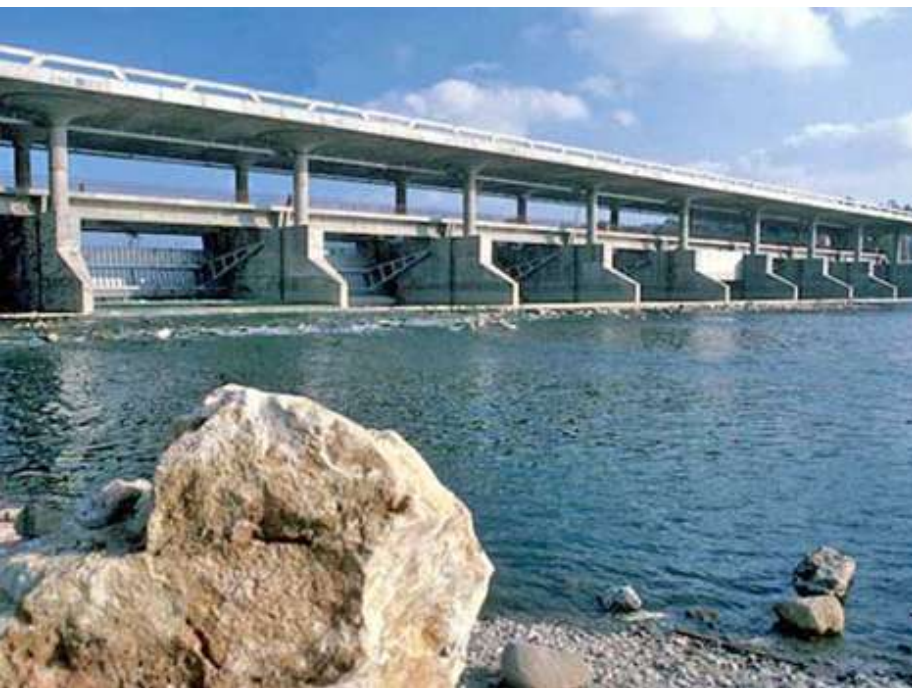
Mas também é público o estado de degradação e falta de manutenção dos diques e conclusão das obras,

situação que os técnicos têm denunciado e alertado. Pelo menos em 2001 e 2019 foram produzidos relatórios e recomendações coincidentes, o que agora provavelmente também se irá repetir com a nomeação de uma nova Comissão para o efeito, sendo de referir o facto de ter sido admitido que as premissas do projeto deveriam ser revisitadas, face ao impacto das alterações climáticas.

Na verdade, o Estado deixou de atribuir importância à gestão deste vultuoso empreendimento, tendo desarticulado a estrutura técnica que localmente vigiava e ia mantendo a obra à custa de escassas verbas do Orçamento do Estado e também nunca implementou qualquer outra estrutura local, conforme recomendado nos relatórios produzidos.

A regularização do Baixo Mondego é um empreendimento de fins múltiplos que serve diversos destinatários: produção de energia hidroelétrica, laminagem de cheias, fins estéticos e lúdicos (espelho de água em Coimbra), irrigação agrícola, abastecimento público e industrial, fins ambientais, recreativos e desportivos.

Por isso, tratando-se de um investimento de grande dimensão e importância regional deve ter uma gestão local, adequada e financeiramente enquadrada, para garantir a vigilância, a monitorização, a conclusão, a manutenção e a cobrança dos serviços prestados. Pode ser que seja desta.





António Lobo Antunes

CORTAR O FIO DE ARIADNE

Por José Manuel Falcão
da Silva Tavares

Linha do Tempo

- 1942- Nascimento em Benfica (Lisboa)
- 1947- Tuberculose leva-o à cama. Aos 5 anos, começa a escrever.
- 1969- Licenciatura em Medicina . Especialização em Psiquiatria.
- 1971-73. Serviço militar obrigatório em Angola , já casado
- 1979- Publicação de Memória de Elefante e de Cus de Judas
- 1985- Abandona a Medicina, dedica-se à Literatura
- 2000- A edição ne varietur da obra de António Lobo Antunes, iniciada pela Dom Quixote, começa a fixar o texto da sua obra . Coordenação de Alzira Seixo.
- 2005- Prémio Camões.
- 2018- Publicação da sua obra pela Colecção La Pléiade, editora Gallimard, o maior reconhecimento da sua obra.
- 2025- Nomeado em Portugal para concorrer ao Prémio Nobel de Literatura
- 2026- Falecimento.

Ciclos da sua obra

Em primeiro lugar, a aprendizagem. A seguir, a Guerra Colonial. Depois, a Trilogia de Benfica. Finalmente, o corte do fio de Ariadne para se perder e o leitor com ele na entrada sorradeira do silêncio, como linguagem definitiva do seu labirinto. (Entrevista a Sara Belo Luís para a Visão em 18 de outubro de 2001).

A originalidade, a complexidade e a longevidade de António Lobo Antunes tornam difícil a tarefa de falar sobre ele e sobre a sua obra. Acredito ter contributos para dar um entendimento , porque sou leitor, sou médico como ele foi, e sou escritor , embora com percurso muito diferente do seu. Finalmente, sou do Benfica com a paixão que ele teve.

Falo de alguém que me ensinou muito, pela forma como se expôs na escrita, nas entrevistas e nas crónicas. Apesar de ele poder representar um alter ego para mim, nunca o vi como tal, sendo ele tão desmesurado, tão de escrita torrencial e tão habitante do seu cada vez mais solitário labirinto.

Nunca o conheci pessoalmente, por ser tão tímido como ele era e por o saber desconfiado, tão inteligente e capaz de me trespassar com uma lança. Era o monstro do Labirinto de Creta. Fui ouvi-lo na biblioteca municipal António Botto, em Abrantes, já neste milénio.

Era contraditório, obsessivo e perfeccionista. Sendo loiro e de olhos azuis, vestia de azul, eterno sedutor e pastor de muitos silêncios. Procurei Abrantes nas suas crónicas e encontrei no Terceiro Livro de Crónicas, publicado em 2006.

A crónica chama-se Olhos Não Transparentes, da Cor do Musgo nas Árvores Antigas. "(acho que na véspera do navio) os meus pais foram jantar comigo a Abrantes: não teriam sido precisos facas nem garfos: comemos silêncio o tempo inteiro e conservo comigo esse sabor. É igual à morte: dói, depois amansa (...) adiante.

Um comboio de tropas demora o século de uma noite a chegar de Abrantes a Lisboa. E chovia. Pinheiros e pinheiros sob a chuva. Marchas militares no cais, discursos. Tremer sem febre. Tremer tanto sem febre. O meu irmão João estava na América (...) E fica-se assim, de mãos nas algibeiras, a fingir que não é nada (...).

Creio que foi médico até ao fim, não porque usasse estetoscópio, mas porque escutava o silêncio, sabia fazê-lo, sair vivo dessa experiência, e tinha aprendido com os doentes do Hospital Miguel Bombarda: ouvimos com os olhos. Era profundamente humano, concordava com a velhota: os pobres não têm alma; queria, com os seus livros, que todos tivessem alma.

Se sáisse do absurdo labirinto, abriria uma retrosaria para vender camisas e botões, almas e um sorriso envergonhado.

A relação com o tempo é toda ela um tratado fascinante de como habitar o silêncio, sendo o monstro no labirinto. No entanto, nunca passou daquele soneto de Quevedo. Querem ouvir? "Exilado en la paz de estos desiertos, con pocos, escorridos libros juntos. Vivo en conversación con los difuntos, y escucho con los ojos a los muertos". Descoberta dele, então estão vivos.

Não sei se leu o historiador de literatura e crítico literário Mikhail Bakhtin. Percebeu depressa o dialogismo, as vozes, o coral de vozes presentes nos romances de Dostoievski. Por isso, nunca saiu do labirinto: as vozes bastam-lhe para morrer e para se sentir vivo.



Por outro lado, leu Hartley e aquele incipit, "o passado é um país estrangeiro". Nada conhece já do que era. No entanto, teve uma infância muito feliz em Nelas e na aldeia que era Benfica, no tempo do rinque de patinagem. Aprendeu tudo em África.

O seu imenso presente recebeu-o da mão dos africanos: lá não existe passado nem futuro, tudo aquece e tudo falta, porque existe apenas o presente. Acabo com a certeza de que não teve a divulgação, o estudo, e o envolvimento do autor para ser mais conhecido e apreciado no universo anglo-saxónico. Aprendemos isso com os obituários lidos na imprensa internacional.

O seu legado ficará exposto na biblioteca António Lobo Antunes, a criar na freguesia de Benfica. E serão feitas visitas ao Cemitério de Benfica, e à rua Cláudio Nunes onde há uma tasca chamada À Volta Cá Vos Espero, como o António escreveu com graça numa crónica. Em 2026, será publicado um livro de poesia. Leiam e apreciem o escritor que sentiu tanto o Portugal colonial e pós colonial. E o devolveu em graça e dor. Obrigado. "

Um abraço a todos
José Falcão Tavares



Encontro Convívio de AA e AP das Oficinas de S. José do Porto

Retalhos de uma noite nas Oficinas de São José.

Apesar de não estarmos todos nas fotos, sei que todos estivemos nas Oficinas.

Foi boa, curta e cheia a noite que ora finda.

Muitas memórias escorreram por aquela mesa. A sua presença era quase palpável e faziam-se sentir na pele de cada um...

A Carpintaria, as obras e trabalhos espalhados pelo país, a Secretaria, a (des)organização do trabalho, o transporte do carvão, os acampamentos, a autodisciplina, o Ir. Joaquim, o Ir. Carlos, o Ir. Calçada, o Ir. Valladolid... o D. Antonio Ferreira Gomes...

o Conceição Carvalho que foi parar às Oficinas por ter escrito uma carta ao Salazar...

Quantas histórias contadas e quantas mais ficaram por contar.

Bem hajam!



Ainda os 50 anos do fim do La Salle de Abrantes

AS MEMÓRIAS

Por Carlos Borrego

A propósito dos 50 anos do encerramento de Colégio de Abrantes, iniciamos no Boletim anterior (N.º 19) a publicação de fotos dos seus fundadores (dirigentes, alunos e professores. Prosseguimos agora com evocações passadas em textos e fotos. E muitos AA têm vindo a colaborar na recolha fotográfica.

I - O 1º Director – O Irmão Luciano Paciente

Dos montes cantábricos às lezírias do Médio Tejo

(Revisitando artigo do nosso Boletim n.º 4”.



I - Breve memória - enquadramento:

O Ir. Luciano Paciente nasceu perto da vila de Fontibre (Fonte do Ebro, que deu nome a toda a Península Ibérica), na Cordilheira Cantábrica. Nas suas serranias nascem também os rios Pisuerga e Minho. Viu a luz do dia, e também os cumes, os ventos e as neves inverniais da Cantábria no dia 2 de Março de 1901, (“nasci com o século”, dizia ele). Tinha o nome de Adrián Fernández Rodriguez. Passou os últimos anos na casa mãe lassalista de Bujedo, onde faleceu (em 1994) e onde repousam os restos mortais.

A sua primeira juventude (até aos 46 anos) passou-a numa Espanha dilacerada pelos confrontos ideológicos, pelas perseguições religiosas, e pelo estrondo de uma guerra fratricida.

Neste período foi Director de Colégios situados em zonas de confrontos (Astúrias e País Basco, S. Sebastián). Contam as crónicas que o seu realismo (“na guerra como na guerra”, dizia), a sua lucidez e a alma grande equilibraram muitas contendidas, não se inibindo de dar guarida a muitos fugitivos políticos e a outros, que entravam e saíam pela fronteira francesa, junto a San Sebastián.

A segunda juventude (de 40 anos) passou-a em Portugal. Dizia que era mais português que todos nós.

E foi o grande construtor da obra lassalista no nosso país. Assumiu as funções de Vice-Provincial, ao mesmo tempo que era Director das várias casas. Ia sempre mais além do que seria expectável . Diz o seu biógrafo (Irmão Pedro Balmaseda) que actuava como Procônsul da Lusitânia.

Foi Director do Colégio de S. Caetano, e fundou a Casa de Formação de Barcelos, a obra de La Salle nas Oficinas de S. José (Porto), o Noviciado de Leiria e o Colégio La Salle de Abrantes.

Os abrantinos, Irmãos, professores e alunos do Colégio La Salle de Abrantes prestamos a nossa gratidão à vontade e raça do Irmão Luciano.

À obra da fundação seguiu-se a transformação do incipiente colégio no “Melhor Colégio do País”. Em poucos anos, alunos de todos os cantos da lusofonia demandavam o La Salle de Abrantes. Deixou o Colégio depois de 6 anos de Directorado. E regressou mais tarde, como “soldado raso”, sem grandezas, durante mais quatro anos, e até 1975. Agora já não era director.

A sua obra e o reconhecimento de todos quantos tivemos o privilégio de partilhar com ele parte da nossa vida, ficou a dever-se ao seu carácter.

É um herói que é anti-herói. Não é um herói clássico que assume a missão sublime como um sacrifício e pela qual verte todo o seu empenho. Vivia, sim, uma realidade transfigurada pelo seu ideal e iluminada por um optimismo contagiante. Nas dificuldades dizia: «sempre adelante», «esta lebre já está corrida», «ala valiente».

Pelo La Salle desaparecia a sua pessoa, mas a sua personalidade irradiava sempre o La Salle (palavras do seu biógrafo). Como diria Camões, “confunde-se o amator com a coisa amada”.



La Salle: sinal da fé

II. Celebração dos seus 80 anos: o contexto das palavras proferidas:

Muitos heróis mitológicos ou verdadeiros receberam das ou nas montanhas uma têmpera inspiradora para novos renascimentos. Subiram. E depois desceram com «nova alma», como Moisés, Cristo, O Cavaleiro Negro (no Crissus, in Alexandre Herculano), Zaratustra da Mesopotâmia, Nietzsche, e outros. O Irmão Luciano tinha nascido na Cantábria... e de lá desceu.

As palavras seguintes foram escritas à pressa pelo autor desta memórias, e também recitadas por ele no dia em que o Irmão Luciano fazia 80 anos. Inesquecível.



Irmão Luciano com o Ministro do Governo,



Cardeal Patriarca de Lisboa e Baltazar Rebelo de Sousa, pai do atual presidente da República, em Abrantes

Poema ao Irmão Luciano-Adrián Rodriguez:

*O Sol rebentou temprano
 Nas terras ermas de Fontibre,
 E encheu de vida novas auroras
 Dos teus breves, breves 80 anos.
 E ouviu-se o cuco nos longes.
 E o Ebro desatou a correr
 E inundou almas e corpos
 E das cantábrias surgiu então, forte,
 O nobre cavaleiro Rodriguez.
 Passou por serras e vales,
 Tropeçou nas sete partidas,
 Ouvia a voz dos penedos
 E o ramalhar dos carvalhais,
 e o estrondo da guerra e das armas.
 Meditou sob a fronde dos bosques.
 E viu o seu coração grande de mais
 Para vaguear pelos alcantis agrestes.
 Sentiu a “alma do mundo” e o Criador.
 E o meu Zaratustra transformado
 Desceu às cidades e às gentes.
 Trazia a sua alma d’outrora.
 Levava no bernal a coragem.
 E ao colo a bondade e alegria.
 E foi monge, herói e lavrador
 E animador de corações e crentes
 E construtor de casas e de amor
 Por várias terras e várias gentes.
 E criou Abrantes e Barcelos
 E ensinou coisas sábias e belas.
 Este foste tu, meu velho Luciano,
 Meu Zaratustra sem grandezas.
 Deste alguns espinhos e tantas rosas!
 E a tua vida teve canteiros de violetas.
 Ala, Valiente.
 E hasta Siempre.*

Barcelos , 2 de Março de 1981

II - Memorial fotográfico do La Salle de Abrantes

Vossos contributos para um memorial fotográfico a elaborar oportunamente: sugestões, nomes, datas, turmas e grupos para «carlosoliveiraborrego@hotmail.com»

Recolha de José Costa Fernandes:

De José Costa Fernandes recebemos uma missiva, com uma foto do 5º B de 1969, com indicação de nomes. Diz assim:

Estimado Irmão Carlos,
 Acuso a receção da sua missiva e dos exemplares dos boletins da AAA La Salle, que muito agradeço.

Trouxe-me boas recordações dos tempos passados no colégio e da formação que me foi dada por todos os Irmãos, e que muito me ajudou a construir o meu projecto de vida.

Como lhe disse, e a alguns colegas, através do Facebook, tinha a lista dos nomes junto à foto e não sei como perdi-lhe o rasto, e ainda não a encontrei. Vou vasculhar de novo no baú das recordações, a ver se a encontro para vos mandar.

Entretanto, com a ajuda do Manuel Sousa Gomes e outros colegas, já consegui identificar a maior parte na fotografia. Envio em anexo a lista provisória, que espero poder completar em breve, com a ajuda de todos.

Um forte abraço para si e votos de felicidades na vida pessoal e nas funções que actualmente exerce.



LA SALLE ABRANTES 5.º ano de 1969: Lista sujeita a correcções dos antigos alunos a remeter para «carlosoliveiraborrego@hotmail.com» ou para «cfernandes.jose@gmail.com».

1. Luís Cordeiro Gonçalves (Gonçalves), 2. João Guilherme Rodrigues-3. António Mexia de Almeida (Mexia)-4. Beliz-5. António Carlos Codinha Midões (já falecido)-6. Saragoça-7. João Mexia-8. Teófilo (Duarte ?) "Buba" / "Bubas"-9. Vítor Gaspar-10. ??????-11. Domingos-12. Sousa-13. Frias Dias-14. João Carlos Ramos Raposo (Raposo)15. Marçal- Manuel Sousa Gomes (Sousa Gomes)-16. Faria-17. José Pedro Duarte Ferreira-18. Vieira-19. Melo-20. António Barros (Barros)-21. João José Martins Louro (Louro)-22. seria Mascarenhas o nome ???-23. Passarinho-24. Henrique Estrada (já falecido)-25. João Manuel Agria Torres (Agria)-26. José Manuel Santos Costa Fernandes (Costa Fernandes)-27. Rogério-28. Manuel Botelho (Botelho)-* Irmão Carlos (Carlos Oliveira Borrego)-29. João Rosa-30. Cruz e Silva-31. Jorge Coelho Pires (Coelho)-32. Jorge Lourenço (Lourenço)-33. Manuel Luís Valente Alves (Valente).

O Boletim agradece a José Costa Fernandes a procura dos nomes e a colaboração do Manuel Gomes, do João Louro e do Jorge Coelho Pires.

III - Outras fotos solicita-se a indicação de nomes em falta



Obs: Aguardamos dos AA presentes nesta foto informações de turma e de nomes



Anos 70(?) Ir. Luciano Paciente, agora apenas como professor e encarregado de turma. Mais nomes?



Turma e nomes ? – Com o Ir. Feliciano - já falecido



Equipa de Basket do Colégio La Salle
Obs: Reconhecemos alguns. Talvez o Zé Espinha nos dê os nomes



Ir. Luciano ao centro. À sua esquerda o Ir. Ramiro. Na fila de baixo Ir. Artur. Outros nomes?



Alunos de La Salle em Santiago de Compostela



IV - APRESENTAÇÃO DE MANUEL ALVES:

TOMAR 05.04.2026

O meu antigo professor, o ex-Irmão Carlos, solicitou-me que publicasse algumas recordações fotográficas do tempo em que permaneci como aluno 185 no ano 1966 no internato da prestigiada instituição do Colégio La Salle de Abrantes, e acerca das minhas actividades culturais e desportivas que mantive na altura:

No futebol com o mister Irmão Ramiro entrámos nos campeonatos Distritais de Juniores. No Basket, com o Ir. João. No vôlei, com o Ir. Florentino. E, para culminar, fiz parte da famosa Tuna La Salle com o mestre Irmão Florentino, que conseguiu pôr-me tocar viola ehehheh.

Foi um prazer poder lembrar estes anos que ali passei, espero que gostem.

Abraços LaSallistas.

Mais nomes para «carlosoliveiraborrego@hotmail.com»






MONUMENTAL DA

BARQUINHA

Domingo, 14 de Março de 1971 — As 16 HORAS (4 da tarde)



GRANDIOSA GARRAIADA
DOS ALUNOS DO COLÉGIO LA SALLE, DE ARRANTES

Seão lidadas: 6 - Possantes Garraias - 6
possantes lidadas pelo pai do Sr. Manuel COIMBRA e Manuel VEIGA, da BOM

2 - CAVALIROS - 2

Manuel Veiga - J. Infante da Câmara
(El Mestre Pré-Vista) (El Pedro Du-Má-Cu)

2 - AFARADOS AFADOS HENRIQUES 2
(El mestre e o filho)

Jorge Saldanha Mendes
(El Kinoretta)

Luís Cordeiro Gonçalves
(El Rodas Altas)


2 - ARPOADORES - 2

M. MARREIROS (El Marredos) • C. RIBEIRO (El Azedo)

Grandioso Grupo de Forçados "Nascidos cansados"
arranjados por M. Barreto (El João) e dirigidos por J. Galhardo (El Escorvato),
Rene (El Pedro), M. do Carmo (El Ousado), B. José (El Boie - Boie) e
Luís Meira (El Alameda (El Chavão))

OS INTOCÁVEIS "DE NOME"
J. Raposo (El Macho), J. Lourenço (El Cabral), F. Oliveira (El Marçal),
C. Mendes (El Parado), J. Margal (El Parado), B. Cardoso (El Príncipe),
M. Campinho (El Argho), J. Passarinho (El Fico), J. Vitoria (El Duro),
e F. Duarte (El Frangal)

NETO: Manuel Mendes-Assunção Coimbra (El Piloto)



M. Barreto

M. Estrela

Jorge Saldanha Mendes

Luís Cordeiro Gonçalves

EVITAM-SE OS DANINHOS DO BACILOSTÓFIO profissionalmente
MANUEL BARRETO e MANUEL J. DOS SANTOS

DOLOROSAS - Carnudas (El can) 20000,
SOMBRA - Alameda (El Boie), Corco-Admiravel 18000, Bonaca
Gato 20000 - SOMERA - BOL 20000 - BOL 15000,
Mittavae sem graxalhos (fardadas) e orladas até aos
18 anos: Mão, Elbora de Sombri, 18000 e de Sol, 7500

PREÇO ESPECIAL
Entrar de borla quem aceder beijar a vace na
sente (Al que vergonha!)

Pela no a assistência que devota à terra do d'Alameda que vospa!
A Barba dos Bombeiros Vitoria, da Barquinha assistencia a FISITA

Dev' moser, poderá ser impediado por qualquer motivo alameda,
e quem logo avista... e quem pagou... pagou!

Estão em vigor todas as disposições ordinarias de uso e costume
nestes estabelecimentos

Dirige o estabelecimento um Delegado do D. S. E.

VISADO PELA D. S. E.

MAIORES DE 6 ANOS

72227-Tel. 4-Panamaria - Chamada 17 - 2.191 - 2100 no



Destaques, actualidades e efemérides

Festival Literário BABELL: a cidade do Porto como palco, o livro como passe

Babell, promovido pela Fundação Livraria Lello com apoio da Câmara do Porto, leva a literatura ao espaço público. Um evento literário desenhado para ocupar ruas e praças da cidade - e testar uma ideia original: transformar a compra de um livro no passe de acesso às sessões sentadas. Decorrerá de 24 a 30 de junho. Salman Rushdie, Olga Tokarczuk e Margaret Atwood são presenças já confirmadas, e muitos mais.

Novidade muito interessante é o papel do escritor espinhense **Rui Couceiro**, como Comissário, autor de “Baiôa sem data para Morrer” e “Morro da Pena Ventosa”, livros que marcam grande talento literário e criativo.



Mário Zambujal- 1936-192

O eterno terno sorriso.

O bom Malandro.

O homem dos livros (15 títulos), da TV , da Rádio, das revistas, da bola.

E da “Crónica do Bom Malandro”.

Entrava em nossas casas. Faz-nos falta o seu sorriso.

Brigitte Bardot - 1934-2025

A diva morreu.

Um corpo belo, o mito da beleza feminina, e uma mulher de armas.

“Uma locomotiva das causas das mulheres” (Simone Beauvoir em 1959)

As polémicas.

E um ídolo das nossas gerações.



Jürgen Habermas (1929-2026)



Dizem os seus biógrafos que no seu epitáfio intelectual se pode dizer e repetir, com propriedade, que ele deixa o mundo dos homens para habitar, em definitivo, a história da filosofia.

Associado à Escola de Frankfurt, o trabalho de Habermas concentrou-se nos fundamentos da epistemologia e da teoria social, na análise do capitalismo avançado e da democracia e no Estado de Direito, num contexto socioevolutivo crítico e na política contemporânea.

Célebres foram os seus diálogos e debates com o cardeal Ratzinger, o futuro Papa Bento XVI.

O nosso respeito e veneração pela valorização ética e intelectual do grande filósofo Habermas.

Assembleia Regional da congregação religiosa da Sociedade Missionária da Boa Nova

Cucujães, 19 mar 2019 (Ecclesia) – A Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN) realizou a Assembleia Regional de Portugal, em Cucujães, com a participação de 30 membros da Sociedade, onde debateu a necessidade de “equipas formadoras internacionais” e a abertura de um “novo campo” de missão a “nível global”.

Recorde-se que a Sociedade Missionária teve e tem um percurso enorme na missão em África, com grande dimensão em Moçambique.

Desejamos os melhores sucessos e o desejo de que continuem animados no progresso humano e cristão dos povos africanos de Moçambique e de Angola.

A distribuição da riqueza no mundo:

Um grupo de 56 mil pessoas detém três vezes mais riqueza do que 2,8 mil milhões, metade da população adulta mundial.

E: os 10% mais ricos do mundo ganham tanto dinheiro como os outros 90%.

Dados do Relatório Mundial Sobre a Desigualdade elaborado por uma centena de investigadores, sob os auspícios da ONU (Notícia a revista Além-Mar, de Fevereiro deste ano de 2026).

Mais Africanidades:

-Leão XIV Missionário da Paz na ÁFRICA, O Coração de Esperança

Entre os dias 13 e 23 de abril deste ano realizará uma extensa viagem por países africanos, e irá destacar memórias históricas, migrações, pontes inter-religiosas, contextos sociais e políticos complexos, Igrejas novas, comunidades cristãs activas ou fustigadas pela intolerância.

Visitará Argélia, pátria do grande filósofo Santo Agostinho de Hipona, inspirador da congregação religiosa a que pertence e de que foi Superior Geral. Visitará os Camarões (8 milhões de católicos) e Angola (18 milhões de católicos) e Guiné Equatorial (81 por cento de católicos).

Desejamos vivamente que a mensagem cristã seja semente impulsionadora de paz, de diálogo, de reconciliação e de justiça social e política e contribua para a distribuição equitativa da imensa riqueza do continente.

- **O crescimento económico de África** poderá crescer, entre 2026 e 2027, 4,6%, e ultrapassará pela primeira vez o crescimento do continente asiático.

- O terrorismo em Cabo Delgado (Moçambique)

A região de Cabo Delgado, rica em gás e em ouro, enfrenta uma rebelião armada extremista por parte de milícias doestado Islâmico, que já provocou 6500 mortos e dezenas de milhar de refugiados.

- **Perto de 5 milhões de crianças com menos de 5 anos morreram por desnutrição e de cuidados médicos no ano de 2024**, segundo relatório da ONU. E 80% desses casos situaram-se na África subsariana e na Ásia Meridional.

- **Mercenários à força:** Milhares de africanos estão a combater ao lado da Rússia na Ucrânia. Os jovens milicianos são aliciados por redes sociais e angariadores, com a promessa de bons salários, ou de bolsa de estudo e de passaportes, noticia a revista “Além-Mar” do mês de Abril de 2026.



Ponto de Encontro – Página dos Leitores

Do Irmão Provincial de Espanha e Portugal, Irmão Estéban de Vega



E em 3 de Abril deste ano escreveu-nos: “Muchas gracias, Carlos, por este deseo precioso de una pascua redentora, pacificadora y solidaria. Estamos muy necesitados de vivir una pascua que sea así, en plenitud. Que tú también la puedas vivir, y contigo toda tu familia y la Asociación de Antiguos Alumnos. Mis mejores deseos, hoy desde la pascua de las familias en nuestra casa de San Asensio, en La Rioja. Un fuerte abrazo”.

Un saludo, Asociación de Antiguos Alumnos de Portugal, y muchísimas gracias por vuestra felicitación y por todas las comunicaciones que con tanta puntualidad y atención me enviáis siempre. Y gracias por el testimonio de vuestro servicio atento y constante a la misión lasallista, que apoyáis con todo vuestro empeño. Que el Señor os bendiga muy especialmente en estos días de Navidad, a vosotros y a todos vuestros seres queridos. Mis mejores deseos, ahora y siempre.

H. Esteban de Vega

Do Irmão Provincial do Brasil, Chile e Moçambique, Irmão Olavo Dalvit:



Bom dia, estimado Carlos.

Ficamos muito felizes em receber vosso boletim.

É uma bênção ver que continuam reunindo tantas memórias e mantendo o carisma lassalista presente na vida de tantos ex-alunos.

Os temas tratados, vitais para a atualidade, explicitam vosso comprometimento com a humanidade, tendo os princípios cristãos como referência.

Muito obrigado!

De Carlos Mineiro Aires:

Acuso a receção do Boletim Nº 19 da Associação de Antigos Alunos de La Salle de Portugal e aproveito para manifestar, uma vez mais, o meu apreço por todos os que se esforçam por manter esta chama bem viva!

A si especialmente pelo seu empenho e constante proximidade à comunidade Lasallista.

Bem haja!



Irmão Bráz Alberto Ndaluz, desde la Salle, Moçambique



Bom dia prezado, é com coração cheio de alegria que recebo essa lembrança... Alegria e paz!

De Pedro Ozalla, desde Valladolid



Gracias, amigo Carlos:

Hace unos días, recibí el Boletín-papel. MB. Tu artículo, siempre denso, es el último que leo, despacio, pensativo. El último, "80 anos- Guerra e paz". ¡AY! Y siguen las guerras...

"PAZ Y BIEN"

Abrazos Lusitanos-hispanos... para que distribuyas..., Coordenação Geral.

De Irmão Carlos Cantalapiedra:

Amigo Carlos:

Recibí vuestro Boletín de Antiguos Alumnos.

Es una preciosidad todo lo que decís y escribís.

Me parece un trabajo interesante para vuestra Asociación.

Adelante que merece la pena. Y Felices Navidades.

Muchas gracias.

De Cesareo de Dios Cid: Desde o Porto

A lo lejos, en el horizonte de una generación acelerada por el ansia del cambio y del olvido de lo vivido como algo desechable, impulsada por la necesidad de ser diferente y moderna a los ojos de pintores de esperpentos indefinidos y de falsos pseudopolíticos, surge, como quien dice del olvido, una muestra real y fehaciente de algo concreto, con nombre y apellidos, que se niega a naufragar en la vorágine del tiempo, impulsado por remeros generosos e invencibles ajenos al desgaste y a la corrosión, al mando de un héroe sin fisuras ni miedos, llamado Carlos Borrego, que a pesar de los pesares se niega a soltar el timón del barco que en la proa lleva el nombre grabado de forma indeleble de Boletim La Salle.

Por el hecho de ser yo el único fundador vivo del engendro, Colégio La Salle, y amigo sin fisuras ni matices de Carlos Borrego me siento obligado, por cuestiones de lealtad y agradecimiento, a poner de relieve lo mucho que representa esta publicación para mi y para todos aquellos que asoman en el extraordinario reportaje fotográfico del actual boletín. Me refiero en especial al del cuerpo docente en el que la gran mayoría ha traspasado la frontera de la vida, si bien perduran en la memoria de los que tuvimos el privilegio de compartir con ellos momentos fructíferos e inolvidables. Un recuerdo muy especial para uno de los "santo y seña" de este cuerpo de guerreros: Pablo de Blas Salamanca, alias Irmão João, a quien llevo muy dentro de mi.

Me resta dedicar un saludo cariñoso a cuantos se empeñan en colaborar con la hechura del Boletim y a ti Carlos Borrego el abrazo que sólo tu me mereces.

De Irmão Xosé Reboiras (desde Santiago de Compostela):

Cos meus mellores desexos para estas festas do Natal.

Que Xesús Menino abençoe as nossas familias.

Un grande abraço



De Irmão João: Desde Valladolid

Em conversa connosco: Obrigado pelo Boletim. Ele aproxima os de la Salle.

Continuai sempre. Pelos alunos e por tudo o que la Salle significa.

IRMÃO SEBASTIÃO VISITA BARCELOS

Crónica de José Carlos Ferreira

No âmbito da visita a Barcelos do Irmão Sebastião, Diretor do Colégio La Salle da Beira – Moçambique, a Associação de Antigos Alunos teve a oportunidade de participar numa reunião, no passado dia 31 de março, onde foi possível constatar o enorme trabalho que aquela Comunidade Lassalista está levando a cabo em terras africanas.

Através de uma reportagem fotográfica, vimos a Sala de Formação destinada às aprendizagens na área da Costura/Modista, sala esta que contou com a colaboração empenhada dos Antigos Alunos, através da Ceia Solidária ao Lado da Beira que realizamos por altura do Natal passado. Também os sorrisos estampados nos rostos daquelas formandas nos fez sentir a importância destes pequenos gestos. Na sua maior parte são mães de alunos que frequentam o Colégio e, desta forma, os Irmãos estão a capacitá-las para a vida e para o mundo do trabalho, conferindo-lhes competências técnicas e emancipação social. A este trabalho chama-se empoderar.

Também nos foi possível saber que os Irmãos estão a trabalhar em novos e importantes projetos, que reforçarão o Colégio enquanto referência transformadora naquele território, também à beira-mar plantado.

A Associação transmitiu ao Ir. Sebastião o disponibilidade para continuar a colaborar nos novos projetos na medida da sua capacidade.

Nesta reunião também participaram, além da Associação, o Ir. José Figueiredo, enquanto Vice-Presidente da SOPRO, a Susana Falcão na qualidade de dinamizadora da visita e o Dr. Samuel, Gestor de Projetos no Colégio da Beira.

O Dr. Samuel tinha sido apoiado na sua formação académica pelo Centro de Educacional e Assistencial La Salle (CEALS). Neste momento é assessor da Direção do Colégio, tendo a seu cargo a a promoção e desenvolvimento de Projetos, projetos estes que permitem aos Irmãos encontrar e levar ao terreno respostas sociais e educativas para os jovens e adultos da Beira.

O Ir. Sebastião também aproveitou a visita a Barcelos para estar com Instituições amigas, agradecendo o apoio recebido e dando visibilidade à Missão.

Durante o Encontro/Reunião, a Associação de Antigos Alunos foi agraciada com a oferta de uma capulana, tecido que carrega consigo toda a cultura moçambicana e recebeu um convite para uma visita ao Colégio da Beira para, in loco, constatar aquela realidade.

Ao Ir. Sebastião e toda a Comunidade de Irmãos de Moçambique o nosso reconhecimento e gratidão. Assim, cumpre-se La Salle.



CEIA SOLIDÁRIA DOS ANTIGOS ALUNOS DE LA SALLE

A favor da formação profissional de moçambicanas

Crónica de Domingos Xavier

A VONTADE DE D(O)AR

Havia antigamente lá para os lados da minha terra uma senhora muito rica a quem chamávamos Dona Helena, bastante simpática mas com fama de avarenta!

Sempre que a rapaziada organizava algum peditério que não fosse com a bênção da Igreja, a dita senhora dava uma rotunda nega.

- Então, Dona Helena, ande lá! A senhora que lhe custa: é tão rica!? – Insistia a malta.

Ao que a ricaça sempre respondia:

- Pois é, meus filhos: Deus abençoou-me na verdade com toda esta riqueza..., mas esqueceu-se de uma coisa...

- Então?

- Deus não me concedeu aquela vontade de dar...

Vem-me sempre à lembrança esta personagem quando testemunho a nossa falta de doação e os pretextos que muitas vezes invocamos para nos esquivarmos a um gesto solidário, desde que este seja por uma boa causa.

A exemplo do que sucedeu no dia 28 de novembro de 2025, num conhecido restaurante de Vila Verde, no âmbito da iniciativa AO LADO DA BEIRA, promovida pela Associação dos Antigos Alunos de La Salle e sobre a qual se pretende apresentar aqui um relato sucinto.

Abraçamos assim o desafio de reportar uma enorme manifestação de humanismo e de afeto pelo nosso semelhante.

Sobre a mesa cerimonial sugestivos lemas: "ser solidário é ser maior que nós" ajudaram a entrar no espírito da iniciativa, que teve uma adesão entusiasmada e bastante numerosa.

Além dos muitos lassalianos presentes, podiam ver-se algumas figuras conhecidas da região; daqueles que nunca viram a cara à generosidade, num encontro muito bem organizado pela Associação dos Antigos Alunos do Colégio La Salle, tendo como supremo desígnio o envio de um contributo solidário ao Colégio La Salle da Beira, Moçambique, e, neste

caso, sobretudo visando o apoio financeiro à requalificação de uma sala de formação em corte e confeção.

Dezenas e dezenas de testemunhos dessa onda solidária deram assim corpo ao evento focado na Beira. E quem já esteve em África e, designadamente, em Moçambique, percebe facilmente a importância crucial destes gestos solidários.

Esta ceia natalícia apelou, entretanto, a outros afetos, servindo de reencontro fraterno para muitos antigos alunos do colégio La Salle de Barcelos, espalhados agora por vários cantos do País (alguns na diáspora), que exaltam os valores da formação integral recebida nesse viveiro minhoto de lassalistas.

Voltando a centrar o espírito nas terras do Índico, o irmão Sebastião Lopes Pereira juntou-se virtualmente, através de vídeo, a este momento de partilha fraterna, para garantir como se fará do projeto realidade. E naturalmente para expressar aos presentes a gratidão antecipada pelas centenas de euros recolhidos na generosidade desta Gala.

Aquele missionário agradeceu especialmente a participação da Sra Presidente da Câmara de Vila Verde, Dra Júlia Rodrigues Fernandes, e dos Irmãos Joaquim e Figueiredo, recordando o trabalho de todos os lassalistas em geral, bem como voluntários que desempenham uma missão de grande êxito em Portugal, executando o Legado de S. João Batista de La Salle: «Educar com firmeza de pai e ternura de mãe». Sublinhou que «o restauro da sala de corte e costura está sobretudo voltado para as mães dos alunos. E em cada três meses – salientou o Irmão Sebastião – são formadas cerca de 25 jovens e mães, num processo de empoderamento das mulheres moçambicanas, que assim podem aceder a um primeiro emprego. Um legado de Fé, Esperança e solidariedade» – concluiu o Diretor do Colégio La Salle da Beira.

Nação fustigada por vendavais, inundações e guerras civis, Moçambique não costuma ser grande apelo para os brasileiros; mas o coração missionário do Irmão Sebastião Pereira, nascido no calor do Piauí, há mais de oito anos ousa difundir a mensagem La Salle em África através do lema: "Melhor servir para incluir".

Centenas de crianças, muitas provenientes de situações vulneráveis, são educadas e recebem uma formação multidisciplinar naquele Colégio da Província da Beira. Que além de ensinar também promove o apoio social.

Na sala onde decorre a nossa gala solidária ecoam, entretanto, animados sons africanos, com um par infantil de graciosos dançarinos, Margarida Macedo e Jorge Ribeiro, a dar o mote ritmado ao encontro de culturas irmãs.

“Agradecemos este gesto solidário; um autêntico Amor em Movimento”, conforme sublinhou a Dra Júlia Fernandes, que através da sua presença selou o acolhimento do Município de Vila Verde a este grandioso acontecimento.

“Damos assim um pouco de nós aos que pouco têm. Gestos que, unindo vontades, podem fazer a diferença na vida de uma comunidade, num mundo por vezes desequilibrado”, - afirmou a Presidente de Câmara, aludindo ao exemplo carismático de Madre Teresa de Calcutá.

Após a Sra Presidente desejar Boas Festas em tempo de solidariedade, vivenciámos um dos momentos altos desta noite solidária, com uma impressionante revisitação de alguns dos nossos maiores poetas, sobretudo Camões, António Gedeão e Miguel Torga. Foi magnífico solista o declamador António Sousa, com a sua declamação robusta, irrepreensível e de muito bom gosto.

Houve ainda tempo para um momento musical, a cargo de maduras vozes masculinas vindas da plateia, entoando o belo hino LOS AMIGOS ASSIM, como forma de celebrar a Amizade, a Fraternidade e a Cooperação entre os povos.

A terminar este belo encontro, o Presidente da AAA do Colégio La Salle, congratulou-se com o sucesso desta ceia solidária, foi angariada a quantia de 2.095 euros, fruto das doações feitas pelos presentes (e de alguns que não puderam marcar presença física), agradecendo a todos aqueles que se associaram.



Foi especialmente para mim uma noite calorosa e de muita aprendizagem sobre o que significa ser lassaliano e sobre qual o contributo desta verdadeira escola de solidariedade para termos um mundo mais habitável.

Agradeço o repto lançado pelo amigo José Carlos Ferreira, a alma mater desta agremiação, deejando à Associação dos Antigos Alunos do Colégio de La Salle os maiores sucessos e que prossiga, sem desânimo, o seu labor em prol da aproximação entre portugueses e moçambicanos.

Fico pronto e ávido para colaborar futuramente em outros eventos que promovam este tipo de nobres objetivos, apanágio do altruísmo e da filantropia.

Finalmente, desejo a todos os associados e leitores deste Boletim um Bom Ano e que Deus nos mantenha a Vontade de D(o)ar.

Dra. Júlia Fernandes

“Dou-vos as boas-vindas e louvo este vosso gesto de solidariedade”

A convite do presidente da Associação de Antigos Alunos de La Salle, José Carlos Ferreira, a presidente da Câmara de Vila Verde, Dra. Júlia Fernandes, teve a amabilidade de marcar presença e dirigir umas palavras de apreço pelo evento solidário, que a associação resolveu realizar em Vila Verde no dia 28 de novembro de 2025 – “A Ceia de Natal Solidária – ao lado da Beira”.

Destacamos trechos marcantes da sua alocação

“Agradeço o convite feito pelo José Carlos e dou-vos as boas-vindas a Vila Verde. Estou aqui para agradecer a vossa solidariedade, que como alguém dizia por aí “solidariedade é amor em movimento” e reflete bem a causa que ficou aqui hoje expressa, uma causa de todos, de todas estas boas vontades de podermos, numa altura, se calhar, a mais especial, focar-nos por este espírito mais de unidade e podermos dar um pouco de nós àqueles que pouco têm ou têm menos do que nós. Este projeto do qual ficou bem vincado para todos, é um projeto que pode fazer toda a diferença na vida de uma comunidade. Todos nós, muitas vezes, temos esta oportunidade de assistir a pequenos gestos que fazem grande diferença.

Por isso, aproveito para agradecer a todos aqueles que comigo partilharam a mesa e àqueles que na Beira fazem tanto por tantos e, segundo a máxima de Teresa de Calcutá: “Se não podermos fazer tantas coisas, façamos as pequenas coisas com amor”.

Tenham umas belíssimas festas natalícias com as vossas famílias. O Natal é um tempo de amor, de paz, mas também de solidariedade como aquele que hoje se respirou e se fez por aqui.

Um bem hajam!



Associação AA La Salle. Festejamos com Moçambique. Moçambique está connosco.



Ceia Solidária - Natal 2025, Vila Verde
A favor da Formação Profissional das Mães dos Alunos de La Salle da Beira



Jantar convívio com o Irmão Sebastião e dr. Samuel, em Barcelos
Oferta moçambicana de uma capulana.

Cumpre-se La Salle